

O TARTUFO

(Molière)

Personagens

SENHORA PERNELLE, Mãe de Orgon

ORGON, marido de Elmire

ELMIRE, mulher de Orgon

DAMIS, filho de Orgon

MARIANE, filha de Orgon e apaixonada de Valère

VALÈRE, apaixonado de Mariane

CLÉANTE, cunhado de Orgon

TARTUFO, (2) falso devoto

DORINE, dama de companhia de Mariane

O SENHOR LOYAL, sargento

FLIPOTE, criada da senhora Pernelle

(A cena se passa em Paris.)

ATO I

Cena I

SENHORA PERNELLE - Vamos, Flipote, vamos, quero livrar-me deles.

ELMIRE - A senhora anda tão depressa que mal posso acompanhá-la.

SENHORA PERNELLE - Deixe, minha nora, deixe-me, não continue: de cerimônias é que não tenho necessidade.

ELMIRE - Estou somente pagando o que lhe devo. Mas, minha mãe, que motivo a fez deixar esta casa tão depressa?

SENHORA PERNELLE - É que não suporto mais isso. Ninguém se preocupa em agradar-me. È isso mesmo, deixo sua casa escandalizada: contrariam-me em todas as observações, não respeitam nada, cada qual fala mais alto; parece até a casa da sogra!

DORINE - Se...

SENHORA PERNELLE - Você minha cara, é uma dama de companhia bastante impertinente e tem a língua um tanto solta: quer dar opinião em tudo.

DAMIS - Mas...

SENHORA PERNELLE - Você é um tolo perfeito, sou eu mesma quem lho diz, eu que sou sua avó; e já disse cem vezes ao meu filho, seu pai, que você está tomando ares desavergonhados e predisse que só haveria de lhe causar desgostos.

MARIANE - Eu acho...

SENHORA PERNELLE - Deus meu, como irmã dele, você finge a discreta e com essa aparente doçura é incapaz de ferir alguém; mas não há, como dizem, água pior do que a água parada e você leva às escondidas uma vida que não tolero.

ELMIRE - Mas, minha mãe...

SENHORA PERNELLE - Minha nora, não me leve a mal, mas seu comportamento é péssimo, em tudo; você deveria pôr-lhes um bom exemplo diante dos olhos; a defunta mãe deles agia muito melhor. Você é gastadeira; e esse estadão me choca; não posso vê-la vestida como se fosse uma princesa. Aquela que só quer agradar ao marido, minha nora, não necessita de tantos atavios.

CLÉANTE - Mas, senhora, afinal de contas...

SENHORA PERNELLE - Quanto ao senhor seu irmão, eu o aprecio muito, estimo-o e reverencio-o; mas enfim, se eu fosse meu filho, seu esposo, lhe pediria, com insistência, que não pusesse mais os pés em nossa casa. O senhor nos importuna, sem cessar, com certas máximas de bem viver, que gente honesta não deveria nunca seguir. Falo-lhe com certa franqueza; mas esse é o meu feitio e não meço minhas palavras para dizer o que me vai na alma.

DAMIS - O tal senhor Tartufo é bem feliz, sem dúvida...

SENHORA PERNELLE - É um homem de bem, que deve escutar; e não posso admitir, sem ficar irritada, que um maluco como você se meta a criticá-lo.

DAMIS - O quê? Como admitiria eu que um crítico beato viesse exercer aqui dentro um poder tirânico, e, além disso, que não pudéssemos nos divertir como bem quiséssemos, caso esse grão-senhor não nos permitisse?

DORINE - Se tivermos de escutá-lo e seguir-lhe as máximas, nada se pode fazer sem que se cometam crimes, pois esse crítico zeloso se mete a controlar tudo.

SENHORA PERNELLE - E tudo o que controla está muito com controlado. É ao caminho do Céu que pretende conduzi-los e meu filho devia induzir a amá-lo.

DAMIS - Ora, vamos, minha mãe, não há paia nem ninguém que possa obrigar-me a querer bem a esse sujeito; trairia meus sentimentos, se falasse de outro modo; a todo momento fico encolerizado com sua maneira de agir e estou prevendo que a coisa não ficará por aí; e sei que vou ter que me haver com um grosseirão como esse.

DORINE - É verdade, é coisa que escandaliza ver um desconhecido dar-se ares de patrão aqui dentro; um miserável que, quando chegou aqui, nem mesmo sapatos tinha e cuja roupa não valia seis vinténs; imagine chegar ao ponto de não reconhecer o que é, ser do contra em tudo e bancar o senhor.

SENHORA PERNELLE - Que Deus tenha piedade de mim. Tudo iria muito melhor se tudo fosse governado por suas piedosas ordens.

DORINE - Não sua imaginação passa por santo, mas, acredite-me, toda a sua maneira de ser não passa de hipocrisia.

SENHORA PERNELLE - Veja só que língua!

DORINE - Só confiaria nele e no tal Laurent com uma boa garantia.

SENHORA PERNELLE - Ignoro no fundo, o que o criado possa ser; mas homem de bem garanto que o patrão o é. Vocês lhe querem mal e o repelem só porque ele diz a verdade a todos vocês. O coração se lhe irrita contra o pecado, e o que o guia é somente o interesse do Céu.

DORINE - Está bem. Mas por que, principalmente de certo tempo para cá, não quer mais tolerar que. Ninguém freqüente a casa? No que pode oferecer ao Céu uma visita honesta, para ele fazer. Um barulho que nos arreventa os miolos? Querem que eu me explique a esse respeito cá entre nós? Acho que ele tem ciúmes da senhora.

SENHORA PERNELLE - Cale-se e pense no que está dizendo. Não é ele comente quem provoca tais visitas. Todo o rebuliço que acompanha essa gente que vocês freqüentam, as carruagens continuamente paradas diante da porta, e o aglomerado barulhento de tantos lacaios, fazem um vozerio bastante incômodo, para toda a vizinhança. Quero crer que no fundo não há nada de mais, mas afinal de contas falam, e isso não fica bem.

CLÉANTE - Ora essa, senhora, quer impedir que se converse? Seria muito desagradável se, na vida, tivéssemos de renunciar aos melhores amigos por causa dos tolos falatórios em que a gente pode ficar envolvida. E, ainda mesmo que se pudesse conseguir isso, a senhora pensa que se poderia obrigar todo o mundo a calar-se? Não há como garantir-se contra calúnia. Não nos preocupemos com os mexericos tolos; esforcemo-nos por viver em completa inocência, dando aos faladores plena liberdade.

DORINE - Não será Daphné e o maridinho dela que falam mal de nós? Aqueles cuja conduta mais se presta ao ridículo são sempre os que se metem a falar mal dos outros. Estão sempre prontos a observar o mais leve indício de simpatia para com alguém, espalham a notícia com o maior açodamento, desvirtuando as coisas a seu talante e apresentando-as como querem que sejam vistas. Julgam poder justificar as próprias ações neste mundo, dando às dos outros o colorido que lhes convêm, e procuram inocentar as próprias intrigas com a ilusória esperança de parecerem íntegros; ou então fazer recair alhures algumas migalhas esparsas dessa reprovação pública, que os sobrecarrega em demasia.

SENHORA PERNELLE - Todos esses raciocínios nada têm a ver com o assunto. Todos sabem que Orante leva vida exemplar. Todos os seus cuidados convergem para o Céu; e eu soube, por certas pessoas, que ela condena extremamente a vida que se leva nesta casa.

DORINE - O exemplo é admirável e esta dama é boa! É verdade que vive como pessoa austera, mas foi a idade que lhe meteu na alma esse zelo ardente e sabe-se que é pudica contra a própria vontade. Enquanto pôde atrair as homenagens de muitos corações, gozou de todas as vantagens de que dispunha; vendo, porém, diminuir o brilho de seus olhos, propõe-se renunciar ao mundo que a abandona, mascarando a debilidade de seus atrativos já gastos com o véu pomposo de uma grande sabedoria. São essas as vicissitudes das coquetes do tempo. Para elas é duro ver os galantes baterem em retirada. Em tal abandono, a sombria inquietação não lhes concede outro recurso senão o de representar o papel de mulher pudica; e a severidade dessas mulheres de bem tudo censura e nada perdoa; censuram acerbamente a vida de qualquer um, não por caridade mas impelidas pela inveja, que não poderia permitir que outra gozasse dos prazeres, cujos desejos o declínio da idade já extinguiu.

SENHORA PERNELLE - Aí estão os contos da carochinha em que você se compraz. Minha nora, a gente em sua casa sente-se obrigada a calar a boca, pois a dona não se cansa de tagarelar o dia inteiro. Mas, afinal de contas, também pretendo discorrer por minha vez. Devo dizer-lhe que meu filho não fez nada de mais sensato do que recolher na própria casa tão devoto personagem; que o Céu aqui o enviou, por necessidade, para conduzir ao bom caminho o espírito transviado de todos; vocês devem ouvi-lo para a própria salvação e ele nada censura que não se deva censurar. Estas visitas, estes bailes, estas conversas são invenções do espírito maligno. Nunca se ouvem palavras piedosas; são assuntos ociosos, canções e frioleiras; quase sempre o próximo é o mais visado e lá se fala mal de um terceiro tanto quanto de um quarto. Enfim, as pessoas sensatas ficam até tontas com a confusão dessas reuniões. Num abrir e fechar de olhos, lá se fazem mil mexericos. E como outro dia disse muito bem um doutor, é verdadeiramente a torre de Babel, todo o mundo tagarela a propósito de tudo e para contar a história a que o levou essa questão... Mas não é que aquele senhor já está rindo com ar de mofa! Procure outros palhaços que o façam rir. E sem mais... Adeus, minha nora; não quero dizer mais nada. Fiquem sabendo que reduzirei à metade minhas visitas a esta casa e decorrerá bom tempo antes que aqui ponha os pés novamente. *(Dando uma bofetada em Flipote)* Vamos, você com esse ar embasbacado, aí, sonhando! Por Deus! Hei de dar-lhe uma lição. Vamos, porcalhona, ande.

Cena II

CLÉANTE - Não quero ir lá, receio que ela ainda venha a brigar comigo. Esta velha...

DORINE - Ah! Decerto, é pena que ela não o ouça fazer uso de tal linguagem. Dir-lhe-ia que o acha engraçado e que não tem idade para merecer semelhante tratamento.

CLÉANTE - Como se aborreceu conosco por um nada! E como parece enfeitada por seu Tartufo!

DORINE - Oh! Para falar a verdade, tudo isso nada é em comparação com o filho, se o tivesse visto, o senhor diria: é bem pior! Tinham-no em conta de homem sensato pela coragem que demonstrou servindo o príncipe; mas ficou como que embotado desde que se lhe meteu na cabeça o tal Tartufo; chama-o de irmão, e dedica-lhe maior estima do que à mar, filho, filha ou mulher. É dos seus segredos o único confidente e o diretor prudente de todos os seus atos; anima-o, abraça-o, e creio que por uma amante, não se teria mais ternura; quer vê-lo sentado à mesa no lugar mais importante; é com prazer que o vê comer por seis pessoas; os melhores pedaços obriga-nos a ceder-lhe e se dá um arrotto diz-lhe: “Deus o ajude!” (*É uma criada quem fala.*) Enfim, está doido por ele; é o seu tudo, seu herói; admira-o a propósito de tudo, cita-o em todas as ocasiões; parecem-lhe milagres seus atos mais insignificantes e todas as palavras por ele pronunciadas são o mesmo que oráculos. O tal, que conhece bem sua vitima e que dela quer aproveitar-se, possui a arte de ofuscá-la com falsas aparências; com as suas beatices arranca-lhe dinheiro a todo instante e critica-nos a todos como igual. Até mesmo o tal bobão que lhe serve de criado mete-se a dar-nos lições; com olhares terríveis vem fazer-nos sermões e joga fora as nossas fitas, nosso ruge e nossas moscas. No outro dia, o traidor rasgou com as próprias mãos um lenço que achou num volume de *Fleur des Saints* dizendo que misturávamos, - oh crime hediondo! – adornos do diabo com a santidade.

Cena III

ELMIRE - Você deve dar-se por feliz por não ter chegado enquanto ela nos fazia um sermão na porta da rua. Mas vi meu marido! Como ele não me viu, quero ir para cima espera-lo.

CLÉANTE - Quanto a mim, espero-o aqui, pois não pretendo divertir-me tanto e vou somente dar-lhe bom dia.

DAMIS - Diga-lhe alguma coisa acerca do casamento de minha irmã. Suspeito que Tartufo se opõe à sua realização, e obriga meu pai a dar grandes rodeios; e você não ignora o interesse que tenho nesse caso. Se o mesmo amor inflama minha irmã e Valère, você bem sabe que a irmã desse amigo me é cara; e se fosse preciso...

DORINE - Lá vem ele.

Cena IV

ORGON - Ah! Meu irmão, bom dia.

CLÉANTE - Já estava de saída e alegro-me em vê-lo de volta. Nessa época, os campos não estão muito floridos.

ORGON - Dorine... Meu cunhado, esperem, por favor: para me aliviar a preocupação, deixem que me informe das novidades da casa. Nesses dois dias como foi tudo por aqui? Que é que fizeram? Como vão todos?

DORINE - A senhora anteontem teve febre até de tarde com uma dor de cabeça difícil de conceber.

ORGON - E Tartufo?

DORINE - Tartufo? Passa admiravelmente. Gordo e corpulento, tez viçosa e boca vermelha.

ORGON - Pobre homem!

DORINE - À tarde, ela ficou muito enjoada e, no jantar, nada pôde provar, tão forte a dor de cabeça que ainda a atacava.

ORGON - E Tartufo?

DORINE - Ceou, sozinho diante dela, devorando, mui devotamente, duas perdizes e meio guisado de perna de carneiro.

ORGON - Pobre homem!

DORINE - Ela passou a noite inteira sem poder pregar olho; uns calores que sentia impediram-na de cochilar e foi preciso ficar perto dela até o amanhecer.

ORGON - E Tartufo?

DORINE - Ao sair da mesa, impelido por agradável sono, passou para o quarto e meteu-se logo na cama bem quente, onde, sem se mexer, dormiu até o dia seguinte.

ORGON - Pobre homem!

DORINE - Afinal, convencida pelo que dissemos, ela resolveu permitir a sangria, o que a aliviou.

ORGON - E Tartufo?

DORINE - Recobrou coragem como convém, e fortificando a alma contra todos os males, para compensar o sangue que a senhora perdeu, bebeu, no almoço, quatro bons copos de vinho.

ORGON - Pobre homem!

DORINE - Enfim, ambos gozam de boa saúde; e vou antecipadamente anunciar à senhora, o interesse que demonstra pela sua convalescença.

Cena V

CLÉANTE - Meu irmão, ela rir de você no seu nariz; e sem pretender irritá-lo, devo dizer-lhe com toda franqueza, que o faz com justiça. Já se ouviu falar do capricho semelhante? E pode-se hoje em dia conceber que um homem tenha tal encanto que o faça esquecer de tudo o mais, e que depois de ter ele remediado, em sua casa, a própria miséria, você chegue ao ponto de?...

ORGON - Alto lá! Meu cunhado: você não conhece o homem de quem fala.

CLÉANTE - Não conheço, se assim o quer; mas, enfim, para saber que espécie de homem pode ser...

ORGON - Meu irmão, você ficaria encantado se o conhecesse e seu encantamento nunca mais acabaria. É um homem... Que... Ah! Um homem... Enfim um homem! Que age conforme fala, goza de paz profunda e como que da estrumeira olha para todo o mundo. Sintome outro depois que converso com ele. Ele me ensina a não ter afeição por nada e fasto minha alma de todas as amizades; e eu veria morrer irmão, filhos, mãe, esposa, sem me preocupar a mínima com isto.

CLÉANTE - Que sentimentos humanos, meu irmão!

ORGON - Ah! Se você tivesse visto como o encontrei, passaria a mostrar-lhe a mesma amizade que lhe dedico. Vinha diariamente à igreja, com ar submisso, bem à minha frente, pôr-se de joelhos. Chamava a atenção de todos pelo ardor com que dirigia ao Céu suas preces; suspirava com enormes transportes e beijava humildemente o chão a todo instante; e quando eu saía, passava-me depressa à frente para me oferecer água benta. Tomando conhecimento, pelo criado que em tudo o imitava, da indignação em que vivia e sabedor do tipo de pessoa que ele era, eu dava-lhe donativos; mas, com modéstia, pretendia sempre devolver-me uma parte. “É demais, dizia-me, mesmo a metade é demasiado; não mereço que se compadeça de mim”. E quando eu recusava receber de volta a metade, na minha presença distribuía-a aos pobres. Enfim, o Céu fez com que eu o trouxesse para casa, e desde então aqui tudo parece prosperar. Veja que tudo ele censura e toma, para minha honra, interesse extremo, mesmo por minha mulher; avisa-me acerca das pessoas que lhe lançam olhares doces e mostra-se seis vezes mais ciumento do que eu mesmo. Mas você não poderia acreditar até onde vai seu zelo; para ele é pecado a menor bagatela; um quase nada é suficiente para escandaliza-lo; outro dia, chegou ao ponto de acusar-se de ter apanhado uma pulga enquanto rezava e de a ter morto com cólera exagerada.

CLÉANTE - Com os diabos! Você está louco, meu irmão. Está zombando de mim com tais histórias? E que pretende você com todos esses gracejos?

ORGON - Meu irmão, esse discurso cheira a libertinagem: você está corrompido e, como lhe mostrei mais de dez vezes, ainda vai arranjar complicação.

CLÉANTE - É assim que se exprimem os de sua laia: querem que todos fiquem cegos como eles. É ser libertino ter olhos que enxerguem; e quem não adora vãs simulações não

tem respeito nem fé pelo que é sagrado. Ora bolas! Todos os seus discursos não me metem medo: sei como falo e o Céu vê meu coração, e de todos esses amaneirados, não me considero escravo. Acontece com os falsos devotos o que se dá com os falsos bravos; como não vê aonde a honra os leva, os bravos verdadeiros não são os que fazem muito barulho, nem os devotos bons e verdadeiros, cujas pegadas devem ser seguidas, são os que fazem tanto alarde. Mas como? Você não fará qualquer distinção entre a hipocrisia e a devoção? Você trata a ambas com a mesma linguagem e presta as mesmas honras à máscara e ao rosto, iguala o artifício à sinceridade, confunde a aparência com a verdade, estima a sombra tanto quanto a pessoa e o dinheiro falso tanto quanto o verdadeiro? Estranha é a maioria dos homens! Nunca são vistos em suas justas proporções; a razão para eles tem limites muito estreitos; ultrapassam esses limites e cada instante e o que há de mais nobre estragam-no muitas vezes por quererem exagera-lo e leva-lo muito avante. Que isso lhe seja dito de passagem, meu cunhado.

ORGON - Sim, sem dúvida, você é um doutor que merece ser reverenciado; todo o saber do mundo concentrou-se em você. Você é o único sábio, o único esclarecido, um oráculo, um Catão no século em que vivemos. E, perto de você, todos os homens são uns tolos.

CLÉANTE - Meu irmão, não me julgo um doutor reverenciado, nem todo o saber do mundo concentrou-se em mim. Mas, em uma palavra, sei que toda a minha ciência consiste em distinguir o falso do verdadeiro. E como não conheço nenhuma espécie de herói que mereça mais louvor do que os devotos perfeitos, e que nada no mundo existe de mais nobre e mais belo que o santo fervor de zelo verdadeiro, assim também não sei de nada que seja mais odioso do que a aparência emplastrada de um zelo especioso, do que esses rematados charlatões, do que esses devotos de praça pública, cuja carantonha sacrílega e enganadora ilude impunemente e zomba à vontade daquilo que os mortais têm de mais santo e sagrado; essas pessoas, por terem a alma submissa aos interesses, fazem da devoção profissão e mercadoria, pretendendo adquirir crédito e dignidade às custas de falsas piscadelas e entusiasmos dissimulados; essas pessoas, afirmo, que se vêem correr, com ardor pouco comum, ao enalço da fortuna pelo caminho do Céu, que, ardente e suplicantes, rezam diariamente e pregam o retiro no meio da própria corte, que sabem acomodar o zelo aos vícios, são espertas, vingativas, sem fé, cheias de artifício e, para perder alguém, mascaram insolentemente o orgulhoso ressentimento são tantos mais perigosos, porquanto lançam mão de armas que todos temem e a paixão que os impulsiona, e que todos aprovamos, levaos a querer assassinar-nos com um ferro sagrado. Essas pessoas de caráter dubio vêm por toda parte; mas os devotos de coração são fáceis de reconhecer. Nosso século, meu irmão, nos expõe aos olhos alguns que podem nos servir de gloriosos exemplos: olhe Ariston, olhe Périandre, Oronte, Alcidames, Polydore, Clitandre, não há quem possa contestar-lhes tal título; não são absolutamente fanfarrões de virtude; neles não se vê esse fasto insuportável e a devoção deles é humana, é tratável; não se metem a censurar-nos todas as ações. Acham que orgulho demasiado a arrogância das palavras, é com suas ações que procuram corrigir as nossas. Para eles a aparência do mal não tem grande importância e são levados sempre a pensar bem do próximo. Nada de intrigas, nada de conluios com eles. Sua única preocupação é procurar viver bem; nunca se encarniçam contra um pecador qualquer; odeiam somente o pecado e não pretendem esposar, com zelo extremo, os interesses do Céu mais do que o próprio Céu. Eis, minha gente, como devemos proceder a exemplo enfim que nos devemos propor. O seu homem, para dizer a verdade, não é desse

tipo: só por muita boa fé você lhe gaba o zelo, mas acho que está deslumbrado por brilho falso.

ORGON - Meu caro cunhado, já disse tudo?

CLÉANTE - Sim.

ORGON - Um seu criado. *(Faz menção de ir-se.)*

CLÉANTE - Por favor, uma palavra só, meu irmão. Vamos esquecer esse assunto. Sabe que Valère tem a sua palavra de que será seu genro.

ORGON - Sei.

CLÉANTE - Você estava para marcar o dia de tão agradável enlace.

ORGON - É verdade

CLÉANTE - Por que, então, adiar a festa?

ORGON - Não sei.

CLÉANTE - Será que você tem outra idéia na cabeça?

ORGON - Talvez

CLÉANTE - Quer faltar à palavra dada?

ORGON - Não digo isso.

CLÉANTE - Não existe obstáculo, parece-me, que impeça o prometido.

ORGON - Conforme.

CLÉANTE - Serão precisos tantos rodeios para dizer uma palavra? Valère pediu-me que o visitasse para falar a respeito.

ORGON - Que o Céu seja louvado!

CLÉANTE - Mas, afinal, que devo dizer-lhe?

ORGON - O que você quiser.

CLÉANTE - Mas falemos às claras. Valère tem a palavra que você lhe deu: vai cumpri-la ou não?

ORGON - Adeus!

CLÉANTE - Estou pressentindo uma desgraça para o amor de Valère e devo adverti-lo de tudo o que se passa.

ATO II

Cena I

ORGON - Mariane.

MARIANE - Meu pai.

ORGON - Aproxime-se, tenho de falar-lhe em segredo.

MARIANE - Que é que você está procurando?

ORGON (*olha para um pequeno gabinete*) - Estou vendo se não há alguém que possa nos ouvir; pois este pequeno cômodo se presta a surpresas. Vamos, está tudo bem. Mariane, sempre achei que você era dotada de espírito muito dócil e sempre me foi muito cara.

MARIANE - Sou muito reconhecida a esse amor de pai.

ORGON - Muito bem dito, minha filha, e para merecê-lo você deve ter a preocupação de fazer-me a vontade.

MARIANE - É nisso também que deposito minha maior glória.

ORGON - Muito bem. Que é que você diz do nosso hóspede, Tartufo?

MARIANE - Quem, eu?

ORGON - Sim, você. Veja bem como vai responder.

MARIANE - Ai de mim! Direi tudo o que o senhor quiser.

ORGON - É falar sensatamente. Diga-me, então, minha filha, que em toda a pessoa dele brilha alto merecimento, que lhe toca o coração e que lhe seria agradável vê-lo tornar-se seu esposo pela minha escolha. Hein? (*Mariane recua surpresa.*)

MARIANE - Hein?

ORGON - Que é?

MARIANE - Como disse?

ORGON - Como?

MARIANE - Acaso me enganei?

ORGON - Como?

MARIANE - Quem o senhor quer, meu pai, que eu diga que me toca o coração e que me seria agradável, por sua escolha, tornar-se meu esposo?

ORGON - Tartufo.

MARIANE - De modo algum, meu pai. Eu lhe juro. Por que fazer-me dizer semelhante impostura?

ORGON - Mas quero que isso seja uma verdade; e para você é bastante que eu tenho decidido.

MARIANE - Como? O senhor quer, meu pai?...

ORGON - Sim, pretendo, minha filha, unir Tartufo à família através de seu casamento. Será seu esposo, já o resolvi e como eu...

Cena II

ORGON - Que está fazendo? A curiosidade que a espicaça é bem forte, minha cara, para vir-nos escutar dessa maneira.

DORINE - Na verdade, não sei se é um boato que teve origem em alguma conjectura, ou se provém de um acaso qualquer, mas trouxeram-me a notícia desse casamento e encarei-o como simples frioleira.

ORGON - Como? Acha então que seja incrível?

DORINE - A tal ponto que nem no senhor acreditaria.

ORGON - Sei muito bem o meio de fazê-la acreditar.

DORINE - Sim, sim, está-nos contando uma história engraçada.

ORGON - Estou contando exatamente o que verão dentro em pouco.

DORINE - Histórias!

ORGON - O que lhe digo, minha filha, não é brincadeira.

DORINE - Vamos, menina, não acredite em seu pai: ele está caçoando.

ORGON - Digo-lhe...

DORINE - Não, por mais que faça, não acreditarei.

ORGON - Afinal, minha cólera...

DORINE - Pois bem! Vamos acreditar e tanto pior para o senhor. Como? Será possível, senhor, que com esse ar de homem sensato e com essa bigodeira pelo meio da cara, o senhor seja tão doido que...

ORGON - Escute: você tomou aqui dentro certas familiaridades que não me agradam; é o que lhe digo, minha cara.

DORINE - Vamos falar sem nos zangar, senhor, eu lhe suplico. O senhor está zombando da gente quando faz essa conspiração? A sua filha não é para o bico de um carola: ele tem outras coisas em que pensar. E depois, que é que lhe traz uma aliança dessas? A propósito de que, com todos os seus bens, procurar um genro miserável?...

ORGON - Cale-se. Se nada tem, fique sabendo que é por isso que se deve respeitá-lo. Sua miséria é, sem dúvida, uma miséria honesta; deve elevá-la acima das grandezas, porquanto, afinal de contas, deixou-se privar de todos os bens pelo descaso das coisas temporais e por seu grande apego às coisas eternas. Mas meu auxílio poderá fornecer-lhe os meios de sair do embaraço e recobrar os seus bens: são feudos que se conhecem no país a justo título e, tal como o vemos, não deixa de ser um gentil-homem.

DORINE - Sim, é ele mesmo quem o diz; e tal vaidade, senhor, não condiz com a piedade. Quem abraça a inocência de vida santa não deve gabar tanto o nome e o nascimento, e o humilde processo da devoção mal suporta o esplendor dessa ambição. Para que esse orgulho?... Mais tais palavras ofendem o senhor: falemos da pessoa dele e deixemos de lado a sua nobreza. O senhor entregaria, sem qualquer preocupação, filha como a sua a um homem como ele? E o senhor não teria de pensar cãs conveniências e prever as conseqüências dessa união? Saiba que se arrisca a virtude de uma moça quando se lhe contraria o gosto no casamento; que a intenção de viver honestamente depende das qualidades do marido que se lhe dá; e aqueles que, em toda parte, são apontados com o dedo, muitas vezes fazem das próprias mulheres o que se vê que elas são. Enfim, é bem difícil ser fiel a certos maridos feitos conforme certo modelo; e quem dá à própria filha um homem que ela odeia fica responsável perante o Céu das faltas que ela comete. Pense bem a que perigos o seu plano o expõe.

ORGON - Digo-lhe que preciso aprender com ela a viver.

DORINE - Ser-lhe-ia muito melhor seguir minhas lições.

ORGON - Não vamos nos divertir mais com essas histórias, minha filha: sei o que lhe convém e sou seu pai. Tinha dado minha palavra a Valère em seu nome; mas além de dizerem que tem tendências para o jogo, também alimento suspeitas de que é um tanto libertino: e não o vejo freqüentar igrejas.

DORINE - O senhor quer que ele vá lá correndo exatamente na hora em que o senhor vai, como fazem aqueles que só vão lá para se mostrarem?

ORGON - Não lhe peço a opinião a tal respeito. Afinal, o outro está nas melhores condições possíveis com o Céu e tal riqueza se revela superior a qualquer outra. Este casamento satisfará todos os seus desejos, você só encontrará nele doçuras e prazeres. Juntos vocês viverão, em uma paixão fiel, como duas verdadeiras crianças, como dois pombinhos. Nunca chegarão a qualquer discussão desagradável e você fará dele tudo o que quiser.

DORINE - Ela? Só fará dele um tolo, eu lhe asseguro.

ORGON - Ora essa! Que palavras!

DORINE - Digo que ele já tem a aparência de tolo e a influência astral desse sujeito há de prevalecer sobre qualquer virtude que sua filha tiver.

ORGON - Deixe de me interromper e pense em calar-se, ao invés de meter o bedelho no que não é de sua conta.

DORINE - Só falo, senhor, para o seu bem. *(Ela interrompe sempre no momento em que ele se volta para falar à sua filha.)*

ORGON - É preocupação demais. Cale-se, por favor.

DORINE - Se não gostássemos do senhor...

ORGON - Não quero que gostem de mim.

DORINE - E eu quero gostar, mesmo que o senhor não queira.

ORGON - Ah!

DORINE - A sua honra me é cara e não posso tolerar que se vá oferecer aos motejos de qualquer um.

ORGON - Você não vai se calar?

DORINE - É uma inconsciência deixá-lo fazer tal aliança.

ORGON - Vai-se calar, serpente, cujos remoques descarados...?

DORINE - Ah! O senhor é devoto e no entanto se exalta?

ORGON - Sim, minha bile ferve diante de todas essas parvoíces, e decididamente quero que se cale.

DORINE - Está certo. Mas, mesmo sem dizer palavra, não deixo de pensar.

ORGON - Pense lá se quiser, mas aplique seus cuidados (*voltando-se para a filha*) em não me falar disso ou: basta. Como homem sensato, pesei maduramente todas as circunstâncias.

DORINE - Arrebento por não poder falar! (*Cala-se quando ele se volta.*)

ORGON - Sem ser donzel, Tartufo é de tal sorte...

DORINE - Isso mesmo, tem um belo focinho.

ORGON - Que mesmo que você não tenha simpatia nenhuma para com todos os outros dotes... (*Volta-se para ela e olha-a de braços cruzados.*)

DORINE - Ei-la bem arranjada! Se estivesse no lugar dela, um homem qualquer não me esposaria à força impunemente, e havia de mostrar-lhe, logo depois da festa, que uma mulher tem sempre a vingança à mão.

ORGON - Então não querem dar importância ao que digo?

DORINE - De que se queixa o senhor? Não estou lhe falando, não.

ORGON - Que é, então, que está fazendo?

DORINE - Falo comigo mesma.

ORGON - Muito bem. Para castigar-lhe a extrema insolência é preciso que lhe meta um bofetão. (*Põe-se em posição de dar-lhe uma bofetada; e Dorine, a cada olhadela que lhe lança, fica perfilada sem falar.*) Minha filha, você deve aprovar meu projeto... Acreditar que o marido... Que eu soube escolher... Por que é que não fala?

DORINE - Nada tenho a dizer-me.

ORGON - Ainda uma palavrinha.

DORINE - Não me agrada.

ORGON - Decerto, eu estava te espiando.

DORINE - Que tola palavra!

ORGON - Enfim, minha filha, é preciso obedecer, mostrando toda deficiência para a minha escolha.

DORINE (*fugindo*) - Haveria de achar muita graça se me casasse com tal sujeito. (*Ele quer dar-lhe uma bofetada e não a atinge.*)

ORGON - Aí está com você, minha filha, uma verdadeira peste, com quem eu não poderia viver mais sem cair em pecado. Sinto-me agora incapaz de prosseguir: suas palavras insolentes transtornaram-me o espírito, vou tomar um pouco de ar para tranquilizar-me!

Cena III

DORINE - Você, por acaso, perdeu a língua e, nisso tudo, preciso representar o seu papel? Permitir que lhe proponham um projeto insensato, sem repeli-lo ao menos com uma palavra!

MARIANE - Que quer você que eu faça contra um pai prepotente?

DORINE - O que for preciso para evitar tal ameaça.

MARIANE - Como assim?

DORINE - Dizer-lhe que um coração não ama por outrem, que você se casa para você e não para ele, que, sendo a maior interessada na questão, é a você, não a ele, que o marido tem de interessar, e que se o tal Tartufo é para ele tão encantador, pode desposá-lo sem qualquer impedimento.

MARIANE - Confesso que um pai tem tanto império sobre nós, que não tive a coragem de dizer-lhe uma palavra.

DORINE - Vamos raciocinar: Valère demonstrou que gosta de você; você gosta dele ou não?

MARIANE - Ah! Como é grande a tua injustiça para com meu amor, Dorine! É para fazer-me tal pergunta? Já não te abri cem vezes meu coração, e não sabes até onde vai meu amor por ele?

DORINE - Como saber se o coração falou pela boca, e se é mesmo verdade que esse amor a domina?

MARINE - É grande injustiça que me faz Dorine, duvidando dela, quando meus verdadeiros sentimentos você já conhece tão bem.

DORINE - Enfim, você o ama mesmo?

MARIANE - Sim, com extremo ardor.

DORINE - E, segundo as aparências, ele também a ama?

MARIANE - Acho que sim.

DORINE - E os dois desejam igualmente que o casamento os una?

MARIANE - Com toda certeza.

DORINE - Que espera, então, dessa outra união?

MARIANE - Matar-me se a ela me forcarem.

DORINE - Muito bem. Aí está um recurso em que eu não tinha pensado. Para evitar morrer, basta já ter morrido! Esse remédio é, sem dúvida, maravilhoso. Fico danada quando ouço alguém falar nesses termos!

MARIANE - Meu Deus! Como você fica furioso, Dorine! Você não tem pena dos desgostos dos outros.

DORINE - Não tenho pena de quem só diz tolices e, quando chega a ocasião, amolece como você.

MARIANE - Mas o que você quer que eu faça, se sou tão tímida?

DORINE - O amor no coração exige firmeza.

MARIANE - Mas não a conservo para o amor de Valère? E não cabe a ele obter-me de meu pai?

DORINE - Mas como? Se seu pai é um rematado cabeçudo, inteiramente nas mãos do tal Tartufo! Se deixa de cumprir a palavra empenhada, deve-se atribuir a culpa a seu apaixonado?

MARIANE - Mas, recusando abertamente e desprezando às claras, não revelaria eu, com essa escolha, um coração demasiadamente apaixonado? Poderia abandonar, fosse qual fosse o meu ardor, o pudor do sexo e o dever de filha? E você quer que o meu amor exibido pelo mundo...

DORINE - Não, não quero nada. Percebo que você quer pertencer ao Senhor Tartufo; e, pensando bem, vejo que não tenho motivos para afastá-la de tal união. Que razão teria eu de combater essa inclinação? O partido é em si mesmo bastante vantajoso. O senhor Tartufo! Oh! Oh! Não é pouco o que se propõe? Com certeza o senhor Tartufo, levando tudo em conta, não é qualquer tipo à-toa de quem não valha a pena ser cara-metade. Todo o mundo já o coroa de glória; é de família nobre, bem apessoado; tem orelhas vermelhas e tez bem viçosa: você há de viver muito contente com tal marido.

MARIANE - Meu Deus!...

DORINE - Que enorme alegria não lhe encherá a alma quando se vir mulher de tão belo esposo!

MARIANE - Ah! Por favor, deixe essas palavras e auxilie-me contra esse casamento: pronto, entregue-me, estou pronta a fazer tudo.

DORINE - Não, uma filha deve obedecer ao pai, mesmo que ele queira dar-lhe um macaco por esposo. Sua sorte é invejável: de que você se queixa? Irá de carro à aldeola dele, que encontrará cheia de tios e primos e você se divertirão muito em entretê-los. Primeiro, você será apresentada à alta roda; irá visitar, para receber as boas-vindas, a senhora esposa do bailio e a senhora do juiz eleito; que a farão sentar-se em simples cadeira-dobradiça. Lá você poderá esperar, no carnaval, o baile e a orquestra do rei, a saber, duas gaitas de fole e, às vezes, Fagotin e os títeres, se, no entanto, seu esposo...

MARIANE - Ah! Você me mata. Pense antes em socorrer-me com seus conselhos.

DORINE - Sou uma criada.

MARIANE - Oh! Dorine, por favor...

DORINE - É preciso, para castigá-la, que esse casamento se realize.

MARIANE - Minha boa amiga!

DORINE - Não.

MARIANE - Se meus votos declarados...

DORINE - De modo algum: Tartufo é o que lhe convém e você terá de suportá-lo!

MARIANE - Você sabe que sempre me confiei a você: faz-me...

DORINE - Não, você há de ser mesmo tartuficada.

MARIANE - Pois bem! Desde que minha sorte não pode comove-la, deixe-me doravante entregue ao meu desespero: pedirei ajuda a ele e conheço bem o remédio infalível aos meus males. (*Quer ir-se embora.*)

DORINE - Eh! Volte. Esqueço minha raiva. Apesar de tudo, é preciso ter pena de você,

MARIANE - Veja bem, se me expuserem a esse cruel martírio, juro-lhe, Dorine, terei de morrer.

DORINE - Não se atormente mais. Com jeito pode-se impedir... Mas aí está Valère, seu apaixonado.

Cena IV

VALÈRE - Mariane, acabam de me dar uma notícia que eu não sabia e que é, sem dúvida, muito interessante.

MARIANE - Qual?

VALÈRE - Que você vai desposar Tartufo.

MARIANE - É certo que meu pai pôs esse plano na cabeça.

VALÈRE - Seu pai, Mariane...

MARIANE - Mudou de opinião: ele mesmo acaba de mo dizer.

VALÈRE - Como? É sério?

MARIANE - Sim, é sério. Declarou-se abertamente por esse casamento.

VALÈRE - E qual partido que tomará diante disso, senhora?

MARIANE - Não sei.

VALÈRE - A resposta é honesta. Não sabe?

MARIANE - Não.

VALÈRE - Não?

MARIANE - Que é que me aconselha a fazer?

VALÈRE - Eu lhe aconselho a aceitar esse esposo.

MARIANE - Você me aconselha isso?

VALÈRE - Sim.

MARIANE - De verdade?

VALÈRE - Sem dúvida: a escolha é gloriosa e vale a pena que seja aceita.

MARIANE - Pois bem, senhor! Aceito seu conselho.

VALÈRE - Não lhe será muito difícil segui-lo, ao que parece.

MARIANE - Não mais do que lhe foi em dá-lo, acho.

VALÈRE - Eu o dei tão-somente para lhe ser agradável, senhora.

MARIANE - E eu o seguirei para agradá-lo.

DORINE - Vamos ver o que sairá disso.

VALÈRE - Então, é assim que se ama? E era para me enganar quando...

MARIANE - Não falemos disso, por favor. Você me disse com toda franqueza que devo aceitar aquele que me impingem como esposo: e eu declaro que pretendo fazê-lo, pois é você que me dá conselho tão salutar.

VALÈRE - Não venha desculpar-se com as minhas intenções. Você já havia tomado sua resolução e agora lança mão de um pretexto frívolo que a justifique por faltar à palavra.

MARIANE - É verdade, muito bem dito.

VALÈRE - Sem dúvida, e o seu coração nunca nutriu por mim verdadeiro amor.

MARIANE - Ai de mim! É-lhe permitido ter tal pensamento.

VALÈRE - Sim, sim, é permitido; mas minha alma ofendida talvez se lhe antecipe em projeto semelhante e sei muito bem onde levar meus sentimentos e minha mão.

MARIANE - Ah! Não duvido, e os ardores que o mérito aviva...

VALÈRE - Meu Deus, deixemos de lado o mérito: tenho muito pouco sem dúvida, a julgar pelo caso que faz dele. Mas espero que outra terá por mim muitas atenções e bem sei quem consentirá, de bom grado, em reparar minha perda.

MARIANE - Não é grande a perda; e você se conformará facilmente com a troca.

VALÈRE - Farei o possível, e pode crê-lo. Coração que nos esquece nos lança um desafio e é preciso, para esquecê-lo, usar de todos os meios: se não se conseguir, deve-se pelo menos fingir. E não se perdoa nunca a covardia de demonstrar amor a quem nos abandona.

MARIANE - Sem dúvida, tal sentimento é nobre e elevado.

VALÈRE - Muito bem; e todos devem aprová-lo. Por acaso pretenderia você que eu conservasse eternamente na alma todo meu amor, vendo-a com meus próprios olhos passar para outros braços, sem dar a outra o coração que rejeita?

MARIANE - Ao contrário; quanto a mim, é isso mesmo o que desejo. Gostaria que já fosse realidade.

VALÈRE - Deseja mesmo?

MARIANE - Sim.

VALÈRE - Basta de insultos, senhora, e desta maneira vou satisfazê-la. *(Dá um passo para ir embora, mas volta atrás.)*

MARIANE - Muito bem.

VALÈRE - Lembre-se ao menos que á a senhora mesma quem me obriga a dar esse passo extremo.

MARIANE - Isso mesmo.

VALÈRE - E que o desígnio que minha alma concebe segue exatamente seu exemplo.

MARIANE - Meu exemplo está certo.

VALÈRE - Basta: no momento preciso, você vai ser servida.

MARIANE - Tanto melhor.

VALÈRE - Está vendo, é para toda vida.

MARIANE - Até que enfim.

VALÈRE - Ah! *(Vai-se e, quando chega à porta, volta-se)*

MARIANE - Como?

VALÈRE - Não me chamou?

MARIANE - Eu? Está sonhando.

VALÈRE - Muito bem! Continuo meu caminho. Adeus, senhora.

MARIANE - Adeus, senhor.

DORINE - Quanto a mim, acho que vocês estão perdendo a cabeça com essa extravagância. E eu os deixei discutir até agora só para ver até onde podiam chegar. Ei! Senhor Valère. *(Ela vai detê-lo pelo braço e ele finge resistir.)*

VALÈRE - Que é que você está querendo, Dorine?

DORINE - Venha cá.

VALÈRE - Não, não, o despeito de domina. Não me faça voltar atrás naquilo que ela desejou.

DORINE - Pare.

VALÈRE - Não, está vendo? É caso resolvido.

DORINE - Ah!

MARIANE - Ele não suporta minha presença e seria muito melhor que eu fosse embora.

DORINE (*deixando Valère e correndo para Mariane*) - E você, para onde vai?

MARIANE - Largue-me!

DORINE - É preciso voltar.

MARIANE - Não, não, Dorine: é inútil querer me deter.

VALÈRE - Vejo que minha presença é um suplício para ela e, sem dúvida, será muito melhor que eu vá embora.

DORINE (*deixando Mariane e correndo para Valère*) - Outra vez? Que diabo o carregue se deixar você embora! Acabem com essa brincadeira e venham cá os dois. (*puxa-os, um para o outro.*)

VALÈRE - Mas quais são tuas intenções?

MARIANE - Que queres fazer?

DORINE - Que façam as pazes e saiam desse embaraço. Você está louco para brigar dessa maneira?

VALÈRE - Você não ouviu de que maneira ela falou comigo?

DORINE - Você está louca, ficando zangada assim?

MARIANE - Não acompanhaste tudo? E viste como ele me tratou?

DORINE - Tolice de ambos os lados. Ela não quer outra coisa a não ser conservar-se fiel a você, pode estar certo. Você é a única para ele: não alimenta outro desejo senão o de ser seu esposo. Garanto-o com a minha vida.

MARIANE - Por que então dar-me tal conselho?

VALÈRE - Por que me interrogar sobre assunto semelhante?

DORINE - Vocês dois estão malucos. Vamos, a mão de um e de outro. Vamos, os dois.

VALÈRE (*dando a mão a Dorine*) - Para que dar a mão?

DORINE - Agora a sua.

MARIANE (*dando também a mão*) - Para que tudo isso?

DORINE - Meu Deus! Depressa, aproximem-se. Vocês gostam um do outro mais do que imaginam.

VALÈRE - Mas não faça tudo isso com dificuldade e olhe pelo menos para mim sem ódio. *(Mariane volta os olhos para Valère e esboça um sorriso.)*

DORINE - Para dizer-lhe a verdade, os apaixonados são mesmo malucos!

VALÈRE - Ora essa, mas então não tenho motivos de queixa. E, sem mentir, você não é má por comprazer-me em me dizer palavras tão aflitivas?

MARIANE - Mas você, não é você o homem mais ingrato...?

DORINE - Deixemos para outra ocasião toda essa discussão e pensemos na maneira de impedir talcasamento.

MARIANE - Diga-nos, então, de que recursos se deve lançar mão.

DORINE - Vamos empregar todos os recursos. Sei pai está zombando, tudo isso são conversas. Mas, quanto a você, é melhor que tomem a aparência de tranqüilo assentimento à extravagância dela, a fim de que, em caso de alarma, seja mais fácil deixar prolongar-se o enlace proposto. Conseguindo ganhar tempo, tudo se remediará. Ora você pretextará alguma doença que e manifeste de repente e exija adiamentos; ora você alegará maus presságios: por ter encontrado um enterro, quebrado algum espelho ou sonhado com água turva. Mas o principal é que com outro não a possam casar desde que não diga “sim”. Mas, para melhor se saírem seria bom, parece-me, que ninguém os encontre juntos a conversar *(A Valère)* Saia e sem tardança utiliza seus amigos para cumprirem o que lhe prometeram. Vamos procurar ganhar os esforços de seu irmão e conseguir o apoio da madrasta. Adeus.

VALÈRE *(a Mariane)* - Por mais esforços que despendamos, minha maior esperança, a bem dizer, reside na senhora.

MARIANE *(A Valère)* - Não posso responder-lhe pelas vontades de meu pai; mas não pertencerei a outro que não seja Valère.

VALÈRE - Como você me alegra! E o que quer que se atrevam...

DORINE - Ah! nunca os namorados se cansaram de tagarelar. Sai, estou-lhe dizendo.

VALÈRE *(dá um passo e volta)* - Enfim...

DORINE - Que tagarelice a sua! Passe para cá e você para lá. *(Empurra-os pelos ombros.)*

ATO III

Cena I

DAMIS - Que um raio agora mesmo me fulmine, que tratem por toda parte como o maior dos patifes, se houver algum poder ou respeito que impeça de fazer agora mesmo um disparate!

DORINE - Por favor, modere esse arrebatamento: seu pai só me falou por alto do assunto. Nem sempre se leva a termo tudo quanto se imagina e é longo o caminho do projeto à realização.

DAMIS - É indispensável que eu impeça as maquinações desse pretensioso e lhe diga duas palavrinhas ao ouvido.

DORINE - Ah! Devagar! Deixe que os cuidados de sua madrasta para com ele e para com seu pai - surtam efeito. Ela tem certa influência sobre o espírito de Tartufo; e ele se torna complacente a tudo o que ela diz, e talvez mesmo alimente algum sentimento secreto por ela. Quem dera que assim fosse! Viria bem a propósito. Enfim, é do seu interesse mandar chamá-lo; ela quer sonda-lo a respeito do casamento que tanto o preocupa, indagar-lhe dos sentimentos, e dar-lhe a conhecer as complicações que poderiam originar-se, caso ele empreste qualquer apoio a esses planos. O criado diz que ele está rezando e não pode vê-lo; mas esse criado me comunicou que o tal ia descer. Saia um pouco, peça-lhe, e deixe-me esperá-lo.

DAMIS - Posso estar presente a toda essa conversa.

DORINE - De modo algum. Convém que fiquem a sós.

DAMIS - Nada lhe direi.

DORINE - Você está brincando: são conhecidos os seus arrebatamentos, e poderia estragar tudo. Saia.

DAMIS - Não: quero ver, sem encolerizar-me.

DORINE - Como você é impertinente! Aí vem ele. Retire-se.

Cena II

TARTUFO (*Ao ver Dorine*) - Laurent, aperta-me o cilício com a disciplina, e roga ao Céu que sempre te ilumine. Se vierem procurar-me, fui visitar os presos, para repartir com eles as esmolas que recolhi.

DORINE - Quanta afetação e fanfarrice!

TARTUFO - Que deseja?

DORINE - Vim dizer-lhe...

TARTUFO (*tira um lenço do bolso*) - Ah! Meu Deus, por favor, antes de falar, tome esse lenço.

DORINE - Como?

TARTUFO - Cubra estes seios que eu não poderia ver: coisas como essas ferem-nos a alma e dão origem a pensamentos culposos.

DORINE - Então, o senhor cede facilmente à atenção, e a carne exerce grande impressão sobre seus sentidos? Com certeza, não sei bem o que lhe sobe à cabeça; quanto a mim, felizmente, não sou tão pronta na cobiça e poderia vê-lo nu dos pés a cabeça, que toda a sua pele não me tentaria.

TARTUFO - Ponha em suas palavras um pouco mais de modéstia ou terei que virar-lhe as costas agora mesmo.

DORINE - Não, não, sou eu quem vou deixá-lo em paz, pois só tenho que dizer-lhe duas palavras. A senhora deve vir a essa sala baixa e pede-lhe o favor de conceder-lhe uma entrevista.

TARTUFO - Ai de mim! De muita boa vontade.

DORINE (*consigo mesmo*) - Como ficou manso! Palavra de honra, mantenho o que disse.

TARTUFO - Será que ela vem já?

DORINE - Estou ouvindo passos, parece-me. Sim, é ela mesma, vou deixá-los juntos.

Cena III

TARTUFO - Que o Céu, em toda a sua bondade, lhe dê para sempre a saúde da alma e do corpo e abençoe os seus dias tanto quanto o deseja o mais humilde entre os que o celeste amor inspira.

ELMIRE - Fico-lhe muito grata por esses votos piedosos. Mas vamos sentar-nos para estar mais à vontade.

TARTUFO - Já se restabeleceu da indisposição que a acometeu?

ELMIRE - Já. Felizmente a febre passou depressa.

TARTUFO - As minhas orações não possuem o merecimento necessário para atrair essa graça lá do alto; mas não fiz ao Céu nenhum pedido devoto que não tivesse por objeto a sua convalescença.

ELMIRE - Seu zelo inquietou-se demasiado por mim.

TARTUFO - Nunca será estimar demais a sua preciosa saúde e, para restabelecê-la, de bom grado daria a minha.

ELMIRE - É levar muito longe a caridade cristã e muito lhe fico a dever por tanta bondade

TARTUFO - Faço pela senhora muito manos do que merece.

ELMIRE - Quis falar-lhe em segredo de um assunto e folgo que ninguém nos esteja espiando.

TARTUFO - Estou igualmente encantado e, sem dúvida, é-me sumamente agradável ver-me a sós com a senhora. Tenho pedido aos Céus uma ocasião dessas, que até esta hora não mo quis proporcionar.

ELMIRE - Quanto a mim, o que desejo é apenas uma conversa em que seu coração se revele e nada me esconda.

TARTUFO - E o que também quero, por favor, especial, é mostrar a seus olhos minha alma inteira e jurar-lhe aqui mesmo que a oposição que faço às visitas que aqui vêm atraídas pelos seus encantos não resultam de qualquer ódio contra a sua pessoa, mas representam antes um transporte do zelo que me arrasta, e com intenções puras...

ELMIRE - Assim o considero, e creio que minha salvação é que lhe dá todos esses cuidados.

TARTUFO (*aperta-lhe a ponta dos dedos*) - Sim, senhora, sem dúvida, e meu fervor é de tal modo...

ELMIRE - Ufa! Está me apertando muito.

TARTUFO - É excesso de zelo. Não poderia passar-me pela cabeça magoá-la e antes teria... (*Põe-lhe a mão no joelho.*)

ELMIRE - Que faz aí sua mão?

TARTUFO - Estou apalpando seu vestido: o tecido é tão macio.

ELMIRE - Ah! Por favor, não faça isso, sinto muita cócega. (*Recua a cadeira e Tartufo aproxima a dela.*)

TARTUFO - Meu Deus! Por este ponto se vê que a obra é maravilhosa! Trabalha-se hoje de maneira milagrosa; nunca, em outra coisa, se viu trabalhar tão bem.

ELMIRE - É verdade. Mas falemos um pouco de nosso assunto. Dizem que meu marido quer voltar atrás com a palavra empenhada e dar-lhe a filha em casamento. Será verdade, diga-me?

TARTUFO - Disse-me apenas duas palavras; mas, senhora, para dizer-lhe a verdade, não é essa a felicidade que almejo e vejo alhures os atrativos maravilhosos da felicidade para a qual se voltam todos os meus desejos.

ELMIRE - É porque o senhor não ama nenhum dos bens terrenos.

TARTUFO - Meu peito não encerra um coração de pedra.

ELMIRE - Eu, por mim, acho que todos os seus suspiros dirigem-se ao céu e nada aqui embaixo atrai os seus desejos.

TARTUFO - O amor que nos sujeita às belezas eternas não mata em nós o amor das belezas temporais; é fácil aos sentidos se encantarem pelas obras perfeitas que o Céu criou. Esses encantos refletem em todas, mas na senhora espelham as mais raras maravilhas. Espalhou-lhe pelo rosto belezas tais que surpreendem os olhos e transportam os corações e não posso vê-la, perfeita criatura, sem admirar em sua pessoa o autor da natureza, sentindo logo o coração inflamado de amor ardente, pelo mais belo dos retratos em que ele mesmo representou. A princípio, temi que esse secreto amor fosse astuciosa surpresa do espírito negro e chegou mesmo o meu coração a evitar-lhe os olhares, acreditando-a obstáculo à minha salvação. Mas, enfim, compreendi, ó amável beldade, que esta paixão pode não ser culposa, e que me é dado acomodá-la ao pudor. Pude então abandonar-lhe meu coração. Confesso ser audácia demasiado grande ousar ofertar-lhe este coração; mas tudo espero de sua bondade para com os meus anseios e nada dos vãos esforços de minha enfermidade; na senhora reside a minha esperança, o meu bem, minha quietude; da senhora dependem meu sofrimento ou minha beatitude, e vou ser, afinal, pela sua única sentença feliz, se o quiser, infeliz, se lhe agradar.

ELMIRE - A declaração é extremamente galante, mas para dizer a verdade, um tanto surpreendente. Parece-me que o senhor devia proteger melhor o próprio coração e raciocinar um pouco sobre tal intento. Devoto como o senhor é e que por toda parte é tido...

TARTUFO - Ah! Mas nem por ser devoto eu não sou menos homem; e quando se chega a ver seus celestes atrativos, o coração torna-se escravo e não raciocina mais. Sei que essas palavras parecem estranhas partindo de mim, mas, senhora, apesar de tudo, não sou um anjo; e se condena a confissão que acabo de lhe fazer, deve culpar seus encantos. Desde que lhes vi brilhar o esplendor mais que humano, a senhora tornou-se a soberana de meu coração; a inefável doçura de seu divino olhar forçou a resistência em que se obstinava meu coração; ela superou tudo, jejuns, orações, lágrimas e dirigiu todos os meus anseios para seus encantos. Disse-lho mil vezes com olhares e suspiros e agora, para explicar-me melhor, uso a voz. Se a senhora contempla com benevolência as tribulações desse escravo indigno, se for o caso que sua bondade queira consolar-me dignando rebaixar-se até o nada que sou, terei sempre pela senhora, ó suave maravilha, devoção a nenhuma outra compatível. A sua honra não corre qualquer risco comigo, e não há desgraça a temer de minha parte. Todos esses galantes da corte, por quem as mulheres são loucas, gabam-se dos seus feitos e são vazios em suas palavras. Ufanam-se completamente de seus progressos. Não há favor que não passem a divulgar e suas línguas indiscretas, se alguém nelas confiar, desonram o próprio altar onde o coração vai sacrificar. Mas as pessoas como nós amam discretamente, podendo-se ter para sempre a segurança do segredo: o cuidado que temos pela nossa própria fama responde por tudo à pessoa amada, e é em nós que se encontra, aceitando nosso coração, amor sem escândalo e prazer sem receio.

ELMIRE - Ouço-o falar, e sua retórica, em termos bem fortes, à minha alma se explica. O senhor não receia que eu seja capaz de comunicar ao meu marido esse galante ardor, e que o conhecimento de tal ardor venha alterar a amizade que lhe dedica?

TARTUFO - Sei que a sua benevolência perdoará minha temeridade, desculpando a fraqueza humana, os violentos transportes de um amor que a ofende e compreenderá, contemplando-se a si mesma, que ninguém é cego e que um homem é de carne.

ELMIRE - Outras veriam isto, de outra maneira, mas saberei ser discreta. Nada direi a respeito ao meu esposo, mas quero, em troca, fazer-lhe um pedido: é interessar-se o senhor francamente e sem subterfúgios pela união de Valère e Mariane, renunciar ao injusto poder que pretende com o bem alheio enriquecer-se. E...

Cena IV

DAMIS (*saindo do gabinete onde se havia escondido*) - Não, senhora, não: isso deve ser espalhado. Eu estava escondido aqui, e pude ouvir tudo; e a bondade de Céu parece que me levou para lá a fim de confundir o orgulho de um traidor que me prejudica, a fim de abrir um caminho que me vingue de sua hipocrisia e insolência, e de tirar meu pai do engano revelando-lhe inteiramente a alma de um criminoso que lhe fala de amor.

ELMIRE - Não, Damis: basta que ele se torne mais sensato e trate de merecer o perdão que lhe concedo. Como prometi, não voltarei atrás. Não é de meu feitio provocar escândalos: uma mulher deve rir-se de tolices desse tipo, sem nunca perturbar os ouvidos do marido.

DAMIS - A senhora tem suas razões para agir dessa maneira, mas eu tenho as minhas para agir de outra. É zombaria querer poupa-lo; o insolente orgulho de sua carolice já ultrapassou minha justa cólera, e já causou muita desordem entre nós. O velhaco já governou meu pai por muito tempo e atrapalhou meu amor e o de Valère. É indispensável que ele se desiluda desse pérfido e agora o Céu me oferece excelente meio. Sou-lhe grato por essa ocasião e ela é demasiado favorável para ser desprezada: tê-la em mãos e deixar de aproveitá-la; seria merecer que ele ma arrebatasse.

ELMIRE - Damis...

DAMIS - Não, por favor, preciso acreditar em mim mesmo. Minha alma está no auge da alegria; em vão suas palavras procuram obrigar-me a renunciar o prazer de me ver vingado. Sem ir mais adiante, vou liquidar o caso; e eis justamente o que me poderá satisfazer.

Cena V

DAMIS - Logo à sua chegada, meu pai, vamos regalá-lo com um acontecimento recente que muito o irá surpreender. O senhor está muito bem pago de todos os seus agrados, pois este senhor retribui-lhe as ternuras na mesma moeda. Acaba de declarar o grande zelo que nutre pelo senhor: não visa outra coisa senão desonra-lo; eu o surpreendi fazendo à sua esposa a injuriosa confissão de uma paixão culpada. Ela é calma, é sensata e por demais

discretas: queria a todo custo guardar segredo; mas não posso admitir semelhante insolência e creio que ocultá-la é o mesmo que ofendê-lo.

ELMIRE - Isso mesmo, sou de opinião que não se deve perturbar o sossego do marido com essas histórias vãs; pois não é disso que depende a honra: basta que saibamos defender-nos. São os meus sentimentos e você nada teria dito, Damis, se eu tivesse alguma influência sobre você.

Cena VI

ORGON - Ó Céu, será verdade o que acabo de ouvir?

TARTUFO - Sim, meu irmão, sou mau, sou culpado, pecador infeliz, cheio de iniquidade, o maior criminoso que já viveu; cada instante da minha vida está corrompido; ela nada mais é que um amontoado de crimes e de torpezas; e estou vendo que o Céu, para meu castigo, quer mortificar-me nesta ocasião. Seja qual for a acusação que me fizerem, não terei o orgulho de defender-me. Acredite no que lhe dizem, arme-se de cólera, e expulse-me de sua casa como um criminoso: par mais vergonha que eu sinta por causa disso, ainda é pouco.

ORGON (*ao filho*) - Ah! Traidor, ousas macular-lhe a pureza da virtude com essa falsidade?

DAMIS - Como? A doçura fingida dessa alma hipócrita fá-lo-a desmentir...

ORGON - Cala-te, peste maldita!

TARTUFO - Ah! Deixe-o falar; o senhor acusa-o sem razão e seria muito melhor acreditar no que diz. Por que me ser tão favorável numa questão dessas? Afinal de contas, o senhor sabe do sou capaz? Meu irmão, o senhor se fia em meu exterior? E, por tudo o que vê, julga-me melhor? Não, não: o senhor se deixa enganar pelas aparências; ai de mim, não nada do que imaginam; todos me tomam por um homem de bem; mas a pura verdade é que não valhonada. (*Dirigindo-se a Damis*) Sim, meu caro filho, fale; pode chamar-me de pérfido, infame, perdido, ladrão, homicida; cubra-me dos nomes mais terríveis; nada oponho a isso, eu os mereci; e quero de joelhos sofrer a ignomínia como uma vergonha devida aos crimes de minha vida.

ORGON (*a Tartufo*) - É demais, meu irmão. (*Ao filho*) Teu coração não se rende, traidor?

DAMIS - Como? As palavras dele seduzi-lo-ão a ponto de...

ORGON - Cala-te, celerado! (*A Tartufo*) Meu irmão, vamos, levanta-te, por favor! (*Ao filho*) Infame.

DAMIS - Será possível...

ORGON - Cala-te!

DAMIS - É de ficar louco de raiva! Como? Vou-me...

ORGON - Se disseres mais uma palavra, quebro-te os braços.

TARTUFO - Meu irmão, em nome de Deus, não fique furioso. Preferiria sofrer o castigo mais duro e vê-lo sofrer por minha causa o mais leve arranhão.

ORGON (*ao filho*) - Ingrato.

TARTUFO - Deixe-o em paz, Se for preciso pedir-lhe perdão de joelho...

ORGON (*A Tartufo*) - Ai de mim! Está brincando? (*Ao filho*) Canalha, vê a bondade dele.

DAMIS - Então...

ORGON - Cala-te.

DAMIS - Como? Eu...

ORGON - Cala-te, estou dizendo. Sei muito bem o motivo que te obriga a atacá-lo; todos vocês o odeiam; e hoje vejo mulher, filhos e criados, desencadeados contra ele. Impudentemente lançam mão de tudo, para expulsar de minha casa tão devota pessoa. Porém, quanto mais esforços fizerem para bani-lo daqui, mais me esforçarei para detê-lo. E apresso-me em dar-lhe a mão de minha filha para confundir o orgulho de toda a família.

DAMIS - Pensam obrigá-la a casar com ele?

ORGON - Sim, traidor, e nesta noite mesmo, para que vocês se danem. Ah! desafio a todos a mostrar lhes que devem me obedecer e que eu sou o senhor. Vamos, retratem-se e agora mesmo, tratante, pede-lhe perdão de joelhos.

DAMIS - Quem, eu? Deste sem-vergonha que, pelas suas imposturas...

ORGON - Então resistes, miserável, e ainda o injurias? (*A Tartufo*) Um cacete, um cacete! Não me segure! (*Ao filho*) Vamos, sai imediatamente desta casa e nunca mais tenhas a audácia de pôr os pés aqui!

DAMIS - Sim, sairei; mas...

ORGON - Depressa, fora daqui! Canalha, vou desertar-te e, ainda por cima, te amaldiçoar.

Cena VII

ORGON - Ofender dessa maneira um verdadeiro santo!

TARTUFO - Ó Céu, perdoa-lhe a dor que me acusa! (*A Orgon*) Se pudesse imaginar com que desgosto vejo que se esforçam por caluniar-me junto a meu irmão...

ORGON - Ai de mim!

TARTUFO - Só em pensar nesta ingratidão, minha alma passa por rude suplício... O horror que sinto... Tenho o coração tão amargurado que nem posso falar, e acho que vou morrer.

ORGON (*correndo em lágrimas para a porta por onde o filho saiu.*) - Canalha! Arrependo-me de não lhe ter metido a mão na cara, de não lhe ter dado uma surra aqui mesmo. Acalme-se, meu irmão, não se zangue.

TARTUFO - Vamos acabar, agora mesmo, com toda essa discussão. Estou vendo quanto incômodo provoço; meu irmão, acho que seria conveniente ir embora.

ORGON - Como? Você está brincando?

TARTUFO - Odeiam-me, e vejo que procuram fazê-lo suspeitar de minha fé.

ORGON - Que importa? O senhor acha que dou ouvidos ao que dizem?

TARTUFO - Mas, sem dúvida, não deixarão de prosseguir; e essas mesmas coisas que hoje o senhor não escuta, poderão, de outra vez, impressioná-lo.

ORGON - Não, meu irmão, nunca.

TARTUFO - Ah! Meu irmão, a mulher pode muito facilmente surpreender a alma do marido.

ORGON - Não, não.

TARTUFO - Deixe-me sair daqui o mais depressa possível e tirar-lhes, assim, qualquer motivo para me atacarem.

ORGON - Não, o senhor ficará: sou eu quem o decide.

TARTUFO - Pois bem! É necessário, então, que me sacrifique. No entanto, se o senhor quisesse...

ORGON - Ah!

TARTUFO - Está certo: não falemos mais nisso. Mas sei como proceder em toda essa questão. A honra é delicada e a amizade me obriga a prevenir os rumores e motivos de suspeitas. Doravante, evitarei sua esposa e o senhor não me verá...

ORGON - Não, a despeito de todos, o senhor a verá freqüentemente. Minha maior alegria é encolerizar os outros, e quero que a todo o momento o venham em sua companhia. E não é tudo: para que mais se danem, não quero ter outro herdeiro que não o senhor, e vou imediatamente fazer-lhe doação de todos os meus bens. Um amigo bom e franco, a quem

tomo por genro, me é mais caro do que mulher, filho ou qualquer parente. O senhor aceitará o que lhe proponho?

TARTUFO - A vontade do Céu em tudo seja feita!

ORGON - Pobre homem! Vamos depressa firmar um documento e que a inveja arrebente de despeito!

ATO IV

Cena I

CLÉANTE - Isso mesmo, todo mundo comenta e, o senhor pode crer, o efeito desses comentários que lhe é favorável. E encontro-o, senhor, muito a propósito para dizer-lhe claramente o que penso. Não vou examinar a fundo o que dizem por aí; deixo isso de lado e encaro tudo da pior maneira possível. Suponhamos que Damis não tenha procedido bem e que seja erradamente que o acusa: não é próprio de um cristão perdoar as ofensas e apagar no coração qualquer desejo de vingança? E o senhor permite que, por sua causa, se exile um filho do lar paterno? Digo-lhe ainda e falo com franqueza, não há grande nem pequeno que não se escandalize; e creia-me, o senhor deveria pacificar a todos, sem levar ao fim todas essas questões. Sacrifique a Deus sua cólera e consiga que pai e filho façam as pazes.

TARTUFO - Ai de mim! De bom coração o faria: não guardo contra ele, meu senhor, qualquer rancor; perdôo-lhe tudo, de nada o censuro e quisera servi-lo com o melhor de minha alma; mas o interesse do Céu não poderia permiti-lo, e se ele entrar aqui, terei que sair. Depois do que ele fez, as relações entre nós trariam escândalo: sabe Deus o que todo mundo pensaria! Atribuiriam à pura política de minha parte; e todos diriam que, sentindo-me culpado, finjo zelo caridoso por quem me acusa, e que meu coração o teme e deseja poupá-lo, para poder obrigá-lo ao silêncio.

CLÉANTE - O senhor nos vem com desculpas bem coloridas e todas as suas razões são um tanto exageradas. Por que se encarrega o senhor dos interesses do Céu? Será que ele tem necessidade de nós para castigar o culpado? Deixe a ele, deixe-lhe o cuidado de vingarse: Pense apenas no perdão que ele prescreve para a ofensa. Não leve em conta os julgamentos humanos, quando segue as ordens soberanas do Céu. Como? O simples interesse do que poderão pensar irá impedir a glória de uma boa ação? Não, não: façamos sempre o que o Céu prescreve e não nos preocupemos com outra coisa.

TARTUFO - Já lhe disse, senhor, que meu coração o perdoa, e já é fazer o que o Céu ordena; mas, depois do escândalo e da afronta de hoje, o Céu não manda que eu conviva com ele.

CLÉANTE - E ordena-lhe, senhor, que dê ouvidos a um mero capricho pelo qual o pai se deixou levar, e que aceite o dom de um bem que vos é ofertado, quando o direito o obriga a não pretender coisa alguma?

TARTUFO - Os que me conhecerem não terão a impressão de que o fiz por interesse. Pouco atrativo têm para mim todos os bens deste mundo, não me deslumbro com seu brilho enganador, e se me resolvo a receber do pai doação que me quer fazer, é apenas, para dizer a verdade, por temer que essa fortuna toda venha a cair em mãos de gente ruim; ou então de pessoas que, recebendo-a, empreguem-na para fins criminosos, deixando de aplicá-la, conforme é do meu desígnio, para a glória do Céu e a felicidade do próximo.

CLÉANTE - Ora essa, senhor, largue mão desses melindres que provocarão as queixas de um justo herdeiro; permita, sem querer embaraça-lo, que seja possuidor de sua fortuna correndo o risco que a acompanha; e pense que vale mais vê-la mal empregada do que vir o senhor a ser acusado de lesá-lo. Admiro somente que não se sinta contrafeito em aceitá-la, porque, afinal de contas, existe alguma máxima no zelo verdadeiro que obrigue a defraudar um herdeiro legítimo? E se acontece que o Céu lhe tenha posto no coração obstáculo invencível que o impeça de viver com Damis, não seria preferível que, como pessoa discreta o senhor se retirasse honestamente, a permitir, contra toda a razão, que por sua causa se expulse o filho de casa? Acredita-me, senhor, seria dar de sua probidade...

TARTUFO - Senhor já são três horas e meia: certo dever piedoso chama-me lá em cima e há de desculpar-me por deixá-lo tão cedo.

CLÉANTE - Ah!

Cena II

DORINE - Por favor, meu senhor, empenhe-se conosco em favor: sua alma sofre dor mortal e o acordo que o pai concluiu para essa tarde faz com que, a todo instante, entre em desespero. Ele está quase chegando. Conjuguemos nossos esforços, eu lhe peço, e tentemos derrubar, à força ou mediante artil, esse plano infeliz que nos preocupa a todos.

Cena III

ORGON - Ah! Alegro-me bastante em vê-los juntos. (*A Mariane*) Trago nesse contrato algo que os fará rir e vocês já sabem o que quero dizer.

MARIANE (*de joelhos*) - Meu pai, em nome do Céu, que conhece minha dor, e por tudo que pode comover-lhe o coração, não faça valer tanto os direitos que tem sobre sua filha e dispense-me dos votos dessa obediência. Não me leve, por esta dura lei, a me queixar ao Céu do que lhe devo. Ai de mim! Não torne infeliz esta vida que o senhor me deu, meu pai. Se, contra uma doce esperança que pude alimentar, me proíbe de pertencer àquele a quem ousou amar, ao menos, por sua bondade, que de joelho imploro, salve-me do tormento de pertencer a quem detesto, e não me leve a um ato de desespero, desencadeando sobre mim todo o seu poder.

ORGON (*sentindo-se enternecer*) - Vamos, fica firme, coração, nada de fraquezas humanas.

MARIANE - Não me faz sofrer sua ternura para com ele; manifeste-a, dê-lhe tudo o que tem, e, se não for bastante, junte também o meu; consinto-o de bom grado, mas, ao menos, não atinja a minha pessoa, e permita que um convento termine, com penitências, os tristes dias que o Céu me concedeu.

ORGON - Ah! São essas as religiosas, quando um pai lhes combate as chamadas de amor! De pé! Quanto mais seu coração repugna aceita-lo, mais será para você motivo de merecimento. Mortifique seus sentidos com esse casamento, e não me dê dores de cabeça com esse assunto.

DORINE - Mas como?...

ORGON - Cale-se, você; fale aos de sua laia; proíbo-a terminantemente de pronunciar uma única palavra.

CLÉANTE - Se você permite que lhe responda com um conselho...

ORGON - Meu irmão, seus conselhos são os melhores do mundo. São muito razoáveis e dou-lhes grande importância; mas há de permitir que não faça uso deles.

ELMIRE (*ao marido*) - Vendo o que vejo, não sei mais o que dizer e sua cegueira faz-me admirar-lo; é preciso estar muito enfeitado, muito obcecado por ele, para negar o que hoje se passou.

ORGON - Sou seu criado e acredito nas aparências. Conheço muito bem sua complacência para com o patife do meu filho e você teve medo de desmenti-lo, quando contra aquele pobre homem ele se indispôs; você estava tranqüila demais para merecer fé e devia mostrar-se mais comovida do que parecia estar.

ELMIRE - Será que pela simples confissão de um transporte amoroso nossa honra tenha que irritar-se tão fortemente? E só se pode responder a tudo o que a atinge com fogo nos olhos e injúria na boca? Eu, rio-me simplesmente de tudo isso, e não me agrada o escândalo a esse respeito. Prefiro que nos mostremos sensato com toda calma e não aprecio essas mulheres, ferozmente pudicas que têm a honra armada de garras e dentes, e à menor palavra querem desfigurar as pessoas. Que o Céu me preserve de tal sabedoria! Desejo uma virtude que não seja endemoninhada, e creio que a discreta frieza de uma recusa não é menos poderosa para refletir um coração ardente.

ORGON - Enfim, conheço o assunto e não vou ser logrado.

ELMIRE - Admiro, ainda uma vez, essa estranha fraqueza. Mas o que me responderia a sua incredulidade se eu lhe mostrasse que lhe dizemos a verdade?

ORGON - Mostrar?

ELMIRE - Sim.

ORGON - Lorotas.

ELMIRE - Mas como? Se eu achasse um meio de lhe mostrar claramente?

ORGON - Ridículo!

ELMIRE - Que homem! Ao menos me responda. Não espero que acredite em nós; mas suponhamos que, de um lugar conveniente lhe fizéssemos ver e ouvir tudo, que diria então do seu homem de bem?

ORGON - Nesse caso, diria que... Não diria nada, pois isso não pode acontecer.

ELMIRE - O erro já durou muito, é demais condenar minha boca como impostora. É preciso que, por prazer e sem ir mais longe, você seja testemunha de tudo o que lhe disse.

ORGON - Está bem: aceito a proposta. Veremos sua habilidade, e como poderá cumprir a promessa.

ELMIRE - Chame-o.

DORINE - Ele é muito astuto, e talvez não seja fácil surpreende-lo.

ELMIRE - Não creio: somos facilmente enganados pelos que amamos, e o amor-próprio faz com que nos enganemos a nós mesmos. *(Falando a Cléante e a Mariane)* Cahamem-no e todos os outros se retirem.

Cena IV

ELMIRE - Aproximemos essa mesa e meta-se debaixo dela.

ORGON - Como?

ELMIRE - É necessário esconder-se bem?

ORGON - Por que debaixo da mesa?

ELMIRE - Ah! Meu Deis! Deixe: tenho um plano e você vai ver. Ponha-se aí, estou dizendo; e uma vez aí embaixo, procure fazer com que não o vejam nem o ouçam.

ORGON - Devo confessar que é grande a minha complacência; mas enfim, preciso ver você sair-se desse negócio.

ELMIRE - Acredito que você não terá nada a replicar. *(Ao marido que está debaixo da mesa)* Pelo menos, vou abordar assunto bem estranho não se escandalize de maneira alguma. Deve permitir-me que diga seja lá o que for, somente com o intuito de convencê-lo da verdade, conforme prometi. Desde que sou obrigada a tanto, por meio de palavras meigas, vou desmascarar essa alma hipócrita, lisonjear os desejos descarados de seu amor,

deixando-lhe campo livre para todas as temeridades. Como é só para você e para melhor confundi-lo que o meu coração vai fingir corresponder-lhe aos votos, terei que cessar desde que você se renda e a situação só se prolongará até onde você quiser. Cabe a você sustar seu ardor insensato, quando você julgar que o caso está por demais adiantado, poupando sua mulher e não expondo-a senão ao que for necessário para tira-lo do engano: trata-se dos seus interesses. Você será o senhor da situação e... Alguém se aproxima. Contenha-se e não se deixe ver.

Cena V

TARTUFO - Disseram-me que queria falar-me.

ELMIRE - Sim, tenho segredos a revelar-lhe. Mas, antes de fazê-lo, feche a porta e olhe bem em volta para evitar surpresas. Certamente não nos convém que se repita situação semelhante à de há pouco. Nunca levei tamanho susto; tive muito medo de Damis, por sua causa, e o senhor viu bem que esforcei-me para fazê-lo mudar de idéia, tentei acalmá-lo. É verdade que fiquei tão perturbada que nem mesmo tive a idéia de desmenti-lo. Mas, graças a Deus, tudo terminou bem, sentindo-se, agora, maior segurança. A consideração que tem por você dissipou a tempestade e meu marido, nem por sombras, tem ciúmes do senhor: para desafiar as más línguas, quer que estejamos juntos a todo instante; e é por isso que posso, sem temer que me reprovem, encontrar-me aqui fechada com o senhor, com a liberdade de abrir-lhe o coração talvez demasiado pronto a aceitar o seu.

TARTUFO - É difícil compreender sua linguagem, minha senhora: ainda há pouco falava de outra maneira.

ELMIRE - Ah! se o senhor está zangado por causa daquela recusa como conhece mal o coração de uma mulher! E como entende pouco o que ele quer dizer quando se defende tão francamente! Nesses momentos, nosso pudor sempre luta contra o que pode nos dar ternos sentimentos. Por mais que se encontre uma razão para o amor que nos domina, sempre temos um pouco de vergonha em confessá-lo. A princípio, defendemo-nos dele, mas pela nossa expressão, percebe-se logo que o coração se está rendendo, que a nossa boca se opõe a nossos anseios apenas por um sentimento de honra, e que tais recusas tudo prometem, Sem dúvida, faço uma confissão bastante livre, deixando de lado nosso pudor. Mas, afinal, já que comecei a falar, teria eu me esforçado para reter Damis, teria, pergunto-lhe, escutado longamente e com tanta doçura o oferecimento do seu coração, teria encarado a questão conforme viram que fiz, se aquele oferecimento não chegasse a me agradar. E quando eu mesma quis forçá-lo a recusar o casamento que acabavam de anunciar, que é que o senhor deveria ter compreendido por essa insistência, senão que o interesse que lhe demonstram e o aborrecimento que se teria com esse casamento assim resolvido, viria pelo menos partir um coração que se quer por inteiro?

TARTUFO - Minha senhora, é sem dúvida uma alegria imensa ouvir tais palavras da boca amada; o mel que destila provoca em todos os meus sentidos suavidade como jamais senti. O meu esforço supremo consiste na felicidade de agradá-la, e a bem-aventurança de meu coração reside nos seus sentimentos, mas esse coração pede a liberdade de pôr em dúvida, tanta felicidade. Sou levado a supor que tais palavras representam honesto artifício para

obrigar-me a romper o casamento que se aproxima; e se devo explicar-me com a senhora com toda a liberdade, não me fiarei em palavras tão doces, sem que um pouco dos seus favores, pelos quais tanto suspiro, venha assegurar-me de tudo quanto puderam dizer-me, implantando-me na alma fé constante nas bondades encantadores que acaba de dispensar-me.

ELMIRE (*tossindo para advertir o marido*) - Como? O senhor quer ir tão depressa, esgotando logo de início a ternura de um coração. Alguém se mata para fazer-lhe a confissão mais terna, mas o senhor ainda não se contenta, e não se pode satisfazê-lo senão levando a questão até os últimos favores?

TARTUFO - Quanto menos se merece um bem, menos se ousa espera-lo. Nossos desejos não podem fiar-se em palavras. É muito fácil suspeitar de uma felicidade cheia de glória, e logo se quer gozá-la antes de crer nela. Quanto Amim, que creio merecer tão pouco suas bondades, duvido da felicidade de minhas temeridades; e não acreditarei em nada, minha senhora, antes que tenha sabido convencer meu amor com realidades.

ELMIRE - Meu Deus, seu amor é um verdadeiro tirano, e lança-me o espírito em estranha confusão! Que império furioso exerce sobre os corações e com que violência quer o que deseja! Como? Ninguém pode livrar-se de sua insistência, e não se tem nem tempo de respirar? Fica bem ser tão rigoroso, querer a todo custo tudo quanto se pede, e assim acusar por esforços insistentes do fraco que o senhor vê que têm as pessoas pelo senhor?

TARTUFO - Mas se a senhora vê com simpatia minhas homenagens, por que recusar-me testemunhos seguros?

ELMIRE - Se é somente o Céu que se opõe aos meus anseios, pouco representa para mim obviar a essa dificuldade, e isso não deve deter seu coração. Mas dão-nos tanto medo as sentenças do Céu!

TARTUFO - Posso dissipar-lhe esses temores ridículos, minha senhora, pois conheço a arte de afastar os escrúpulos. De fato, o Céu proíbe certos contentamentos; (*é um celerado que fala*) mas sempre se acha uma maneira de acomodar; conforme necessidades diversas, existe uma ciência destinada a estender os liames de nossa consciência e retificar o mal da ação com a pureza da intenção. Saberemos revelar-lhe esses segredos, minha senhora; tem somente que se deixar levar. Satisfaça-me o desejo e não tenha receio: respondo-lhe por tudo, e assumo todo mal. A senhora está tossindo muito.

ELMIRE - Sim, isto é um suplício.

TARTUFO - Aceitaria uma bala de alcaçuz?

ELMIRE - É um resfriado persistente, sem dúvida, e todas as balas do mundo não ajudariam.

TARTUFO - De fato é bastante incômodo.

ELMIRE - Isto mesmo, mais do que pode supor.

TARTUFO - Enfim, é fácil destruir seu escrúpulo: posso garantir-lhe um segredo absoluto; o mal está apenas no escândalo que se faz; este é que faz o mal e não é pecar fazê-lo em silêncio.

ELMIRE (*tossindo mais uma vez*) - Enfim, vejo que tenho que decidir-me a ceder; que devo consentir em conceder-lhe tudo, e que, não sendo assim, não devo pretender que possa estar contente, e que se queira entregar. Sem dúvida, é penoso chegar a esse ponto e é contra a vontade que dou tal passo; mas, já que se obstina em querer reduzir-me a tanto, sem querer acreditar em tudo o que possa dizer-lhe, exigindo-me provas mais convincentes, tenho, enfim, que resolver-me e contentá-lo. Se tal consentimento importar em alguma ofensa, tanto pior para quem me força a tal violência: pois certamente não me cabe a culpa.

TARTUFO - Sim, senhora, tomo-a a mim e a coisa em si...

ELMIRE - Abra um pouco a porta e veja, por favor, se meu marido não está nesse corredor.

TARTUFO - Que necessidade tem ele da precaução que a senhora toma? Cá entre nós, trata-se de um sujeito que se pode levar pelo nariz; é capaz de vangloriar-se de todos os nossos colóquios e eu o pus em condições de ver tudo sem acreditar em nada.

ELMIRE - Não importa: por favor, saia um momento, e examine tudo cuidadosamente.

Cena VI

ORGON (*saindo de baixo da mesa*) - Que homem abominável, tenho que confessa-lo. Custa-me mesmo a crer e estou desconcertado.

ELMIRE - Como? Já saiu? Você está brincando. Volte lá para debaixo, ainda não chegou a hora; espere até o fim para ter a certeza e não se fie em simples conjeturas.

ORGON - Não, ainda não saiu do inferno pessoa pior.

ELMIRE - Meu Deus! Não acredite em nada sem provas. Deixe-se convencer antes de entregar os - pontos e não se apresse para não se enganar. (*Faz com que o marido se esconda por trás dela.*)

Cena VII

TARTUFO - Minha senhora, tudo conspira para meu contentamento: visitei cuidadosamente todo esse apartamento; não há ninguém e minha alma encantada...

ORGON (*interrompendo-o*) - Vamos mais devagar! O senhor está-se deixando arrastar muito depressa pelos seus desejos amorosos e não devia apaixonar-se tanto. Ah! Ah! o homem de bem! Queria enganar-me, não! Como sua alma se entrega facilmente às

tentações! Desposava-me a filha e ainda cobiçava minha mulher! Por muito tempo duvidei que fosse verdade, e sempre acreditei que afinal mudasse de tom; mas é levar bastante longe as provas: o que acabo de ver é suficiente para mim, não preciso mais.

ELMIRE (*A Tartufo*) - Foi contra a minha vontade que fiz tudo isso, mas vi-me forçada a tratá-lo dessa maneira.

TARTUFO - Como? O senhor acredita?

ORGON - Vamos, nada de barulho, por favor. Ponha-se pela porta a fora sem qualquer cerimônia.

TARTUFO - Eu desejava apenas...

ORGON - Estas palavras não tem mais sentido... O senhor deve sair imediatamente desta casa.

TARTUFO - É o senhor quem tem que sair, embora fale como dono: esta casa me pertence, hei de mostrar-lhe e vou mostrar-lhe também que é inútil lançar mão desses meios indiretos, covardes; vocês não estão onde pensam quando me injuriam: tenho com que confundir e castigar a impostura, vingar o Céu que se ofende, e fazer com que se arrependam aqueles que pretendem fazer-me sair.

Cena VIII

ELMIRE - Que significam essas palavras? O que é que ele quer dizer?

ORGON - Palavra, estou confuso e não tenho Vontade de rir.

ELMIRE - Como?

ORGON - Vejo meu erro nas coisas que ele diz, e a doação atrapalha-me.

ELMIRE - A doação...

ORGON - Sim, é negócio liquidado, mas ainda há outra coisa que me inquieta.

ELMIRE - Qual é?

ORGON - Você ficará sabendo de tudo. Mas, antes, vamos ver se certo cofre ainda está lá em cima.

ATO V

Cena I

CLÉANTE - Onde vai com tanta pressa?

ORGON - Ai de mim! O que sei!

CLÉANTE - Parece-me que devemos começar a estudar juntos o que se pode fazer agora.

ORGON - Estou totalmente transtornado por causa daquele cofre: ele me desespera mais do que todo o resto.

CLÉANTE - Então, esse cofre é um mistério importante?

ORGON - É um depósito que o próprio Argas, esse amigo que tanto prezo, me pôs entre as mãos, ele próprio, com grande segredo. Quando teve que fugir, escolheu-me para isso; pelo que me pôde dizer, são papéis que lhe dizem respeito à vida e aos bens.

CLÉANTE - Por que, então, colocá-los entre outras mãos?

ORGON - Foi por um caso de consciência. E eu fui diretamente comunicar o fato a esse traidor que convenceu-me de que era preferível dar-lhe o cofre, a fim de que, para negar, caso fizessem alguma investigação, e tivesse um pretexto que me permitisse fazer juramentos que não atingisse minha consciência.

CLÉANTE - Você está em maus lençóis, pelo que parece. A doação e essa confiança são, no meu parecer, coisas muito levianas. As vantagens que esse homem tem sobre você podem levá-lo longe com tais compromissos, e será imprudência atacá-lo. Você devia procurar um expediente mais suave.

ORGON - Como? Sob aparência de fervor tão comovente esconde um coração tão dúplice, uma alma tão perversa! E eu que o recebi mendigando e sem nada... Acabou-se, renuncio a todas as pessoas de bem: doravante, sentirei por elas aversão tremenda. Serei para eles pior do que um demônio.

CLÉANTE - Ora essa! Não será isso mais um de seus arrebatamentos! Em nada você conserva a calma. A sua razão nunca toma o caminho do bom senso, passando sempre de um extremo ao outro. Você viu o erro ainda maior, confundindo o coração de todas as pessoas de quem com o de um pérfido tratante? Como? Porque um patife o engana com audácia debaixo do brilho pomposo de austera máscara, você quer que todos sejam feitos por esse modelo e que não exista hoje um devoto verdadeiro? Deixe aos libertinos conclusões tão tolas; é preciso separar a virtude das aparências, não arrisque nunca conceber sua amizade muito apressadamente e, para isso, fique sempre no meio-termo: livre-se, se for possível, de honrar a impostura, mas por outro lado não vá ofender o verdadeiro zelo. E se acontecer pender para uma extremidade. Será preferível pecar por esse lado.

Cena II

DAMIS - Como? Será verdade, meu pai, que o malandro o ameaça? Não há benefícios que não esqueça e seu orgulho covarde, digno de cólera, utiliza suas bondades como armas contra o senhor?

ORGON - Sim, meu filho, e com isso sinto um pesar sem limites.

DAMIS - Deixe, vou cortar-lhe as duas orelhas. Não se deve fraquejar ante tal insolência. Cabe a mim livrá-lo dessa ameaça e, para liquidar logo o assunto, vou moê-lo de pancada.

CLÉANTE - É a isso que se chama raciocinar como criança. Por favor, acalme esses brilhantes arrebatamentos. Vivemos num reino e num tempo em que acabam mal os negócios resolvidos com violência.

Cena III

SENHORA PERNELLE - O que foi? Acabo de saber de coisas impossíveis!

ORGON - São novidades que testemunhei com meus próprios olhos, e a senhora está vendo como foram pagos os meus cuidados. Acolho um homem na miséria, dou-lhe casa e comida, trato-o como a um próprio irmão; todo dia, cumulo-o de benefícios; dou-lhe a mão de minha filha e todos os bens que possuo; e, enquanto isso, o pérfido, o infame tenta o negro projeto de seduzir-me a esposa e, não contente com a tentativa infame ousa ameaçar-me com os meus próprios benefícios e quer arruinar-me com as vantagens com que acaba de armá-lo minha bondade muito pouco sensata, expulsar-me de meus bens que em má hora lhe transferi e reduzir-me à situação de que o tirei.

DORINE - Pobre homem!...

SENHORA PERNELLE - Meu filho, não posso de maneira alguma crer que ele tenha podido cometer ação tão negra.

ORGON - Como?

SENHORA PERNELLE - Há sempre quem inveje as pessoas de bem.

ORGON - Que é que a senhora quer dizer com essas palavras, minha mãe?

SENHORA PERNELLE - Quero dizer que, em sua casa, vice-se de maneira muito estranha e todos sabem o ódio que lhe dedicam aqui.

ORGON - Que tem a ver esse ódio com o que lhe estou dizendo:

SENHORA PERNELLE - Disse-lhe mais de cem vezes quando você era pequeno: a virtude é sempre perseguida no mundo. Os invejosos morrem, mas a inveja nunca.

ORGON - Mas o que têm a ver essas palavras com o que está acontecendo hoje?

SENHORA PERNELLE - Inventaram-lhe uma dúzia de histórias contra ele.

ORGON - Já lhe disse que eu mesmo vi tudo.

SENHORA PERNELLE - A malícia dos maldizeres é extrema.

ORGON - A senhora começa a exasperar-me, minha mãe. Digo-lhe que vi com os próprios olhos esse crime ousado.

SENHORA PERNELLE - As más línguas sempre têm veneno a destilar, e nada pode defender-nos dele aqui na terra.

ORGON - Mas essa é uma opinião desprovida de senso. Eu o vi, estou-lhe dizendo, vi com meus próprios olhos, o que se chama ver: será preciso repeti-lo cem vezes e gritar por dez?

SENHORA PERNELLE - Meu Deus! A aparência engana quase sempre: vê-se ter cuidado em não julgar pelo que se vê.

ORGON - Fico doido!

SENHORA PERNELLE - A natureza está sujeita à falsas suspeitas e muitas vezes se interpreta o bem pelo mal.

ORGON - Devo interpretar como preocupação caridosa o desejo de beijar-me a mulher?

SENHORA PERNELLE - Para acusar as pessoas, deve-se ter motivo justo e você devia esperar para ter absoluta certeza.

ORGON - Arre, diabos! Qual o meio de me certificar? Então, minha mãe, eu devia ter esperado que, a meus olhos... A senhora obriga-me a dizer asneiras.

SENHORA PERNELLE - Enfim, via-se como sua lama estava penetrada de puro zelo e de modo algum posso imaginar que tivesse tentado tudo que você diz.

ORGON - Vamos, se a senhora não fosse minha mãe, nem sei o que lhe faria, tanta é a minha cólera.

DORINE - Meu senhor, é a justa compreensão das coisas do mundo: o senhor não queria acreditar e agora não acreditam no que diz.

CLÉANTE - Estamos perdendo momentos preciosos com bagatelas: seria melhor tomarmos as medidas necessárias. Não se pode ficar dormindo enquanto o patife nos ameaça.

DAMIS - Como? A ousadia dele iria até esse ponto?

ELMIRE - Para mim, não acho isso possível e sua ingratidão é Damis visível neste caso.

CLÉANTE - Não se fie nisso: talvez ele tenha meios ocultos que lhe justifiquem os esforços contra você e, por muito menos, há quem fique envolvido em terríveis

complicações pelo peso de maquinação bem feita. Digo-lhe mais uma vez: com as armas de que ele dispõe, você nunca deveria levá-lo até esse ponto.

ORGON - É verdade; mas o que devo fazer? Não fui senhor de meus ressentimentos ante o orgulho daquele traidor.

CLÉANTE - Desejaria, de bom grado, que se tentasse restabelecer a paz entre os dois.

ELMIRE - Se eu soubesse que ele tinha tais armas em mão, não teria dado motivo a tanto alarme; e meus...

ORGON - Que quer esse homem? Vejam o que é. Estou mesmo em condições de receber alguém.

Cena IV

SENHOR LOYAL - Bom dia, cara irmã; peço-lhe que me leve ao dono da casa.

DORINE - Ele está ocupado e duvido muito que neste momento possa receber alguém.

SENHOR LOYAL - Não vim até aqui para importuná-lo. Minha visita, acho, não terá de desagradável e venho por um motivo que lhe dará grande satisfação.

DORINE - Seu nome?

SENHOR LOYAL - Diga-lhe somente que venho da parte do senhor Tartufo, para seu bem.

DORINE - É um homem que vem, com maneiras gentis, da parte de senhor Tartufo, para negócios, diz ele, que lhe trará grande satisfação.

CLÉANTE - Você deve ver esse homem e o que pode querer.

ORGON - Talvez venha para nos reconciliar. Que atitude devo ter para com ele?

CLÉANTE - Seu ressentimento não deve transparecer; e se falar de acordo, deve ouvi-lo.

SENHOR LOYAL - Salve, senhor. Que o Céu cause a perdição daquele que pretende prejudicá-lo e lhe seja favorável tanto quanto o desejo!

ORGON - Esse começo agradável coincide com a minha opinião e já deixa prever a possibilidade de um entendimento.

SENHOR LOYAL - Sempre me foi cara toda a sua casa e em outros tempos trabalhei para o senhor seu pai.

ORGON - Senhor, estou envergonhado e peço-lhe perdão por não reconhecê-lo nem saber seu nome.

SENHOR LOYAL - Meu nome é Loyal, natural da Normandia, sou meirinho real, aliás contra a minha vontade. Faz já quarenta anos, graças a Deus, que tenho a felicidade de exercer o cargo com muita honra; e venho, senhor com a sua licença, trazer-lhe a intimação de certo mandado...

ORGON - Como? O senhor está aqui...?

SENHOR LOYAL - Senhor, não se exalte: trata-se somente de uma citação, uma ordem para o senhor deixar esta casa, o senhor e todos os seus, pôr os móveis na rua para dar lugar a outros, sem demora nem adiamento, como convém...

ORGON - Eu, sair daqui?

SENHOR LOYAL - Sim senhor, por favor. Agora a casa, como sabeis aliás pertence sem contestação ao senhor Tartufo. Doravante ele é dono e senhor de seus bens, em virtude de um contrato que trago aqui: está em perfeita ordem e nada se lhe pode opor.

DAMIS - Certamente, é grande essa impudência e muito admiro.

SENHOR LOYAL - Senhor, não tenho negócios com o senhor; mas sim com o dono da casa. Ele é sensato e calmo e sabe muito bem qual o papel de um homem de bem, para querer opor-se à justiça.

ORGON - Mas...

SENHOR LOYAL - Senhor, sei que nem por um milhão o senhor há de querer revoltar-se, e que, como pessoa honesta, irá permitir que eu execute as ordens que me deram.

DAMIS - Você bem poderia levar umas bordoadas nessa casaca preta, senhor meirinho de vara.

SENHOR LOYAL - Faça com que seu filho se cale ou se retire, senhor. Lastimaria ter de apor seu nome aqui e vê-lo citado nos autos.

DORINE - Este senhor Loyal tem um ar bastante desleal!

SENHOR LOYAL - Tenho grande consideração por todas as pessoas de bem, e pode ficar certo, senhor, de que me encarreguei desse assunto para ser-lhe agradável e prestar-lhe um servi-lo, e para aceitar que fosse parar às mãos de alguém que, não tendo pelo senhor o zelo que me impele, poderia proceder de maneira menos agradável.

ORGON - E que poderia haver de pior do que obrigar alguém a sair de sua própria casa?

SENHOR LOYAL - Ser-lhe-á dado tempo, senhor, e sustarei a execução do mandato até amanhã. Somente passarei aqui à noite com dez dos meus subordinados, sem fazer escândalo ou barulho. Devem entregar-me, por favor, antes de dormir, as chaves da porta, apenas como formalidade. Terei cuidado em não perturbar-lhes o repouso e nada permitirei que não seja conveniente. Mas, amanhã de manhã, será preciso que tudo retirem daqui de dentro: meus homens os ajudarão e os escolhi bom fortes para que não haja dificuldade em pôr tudo para fora. Penso que não se poderia proceder melhor e, como o estou tratando com grande indulgência, peço-lhe também, senhor, que me trate de igual maneira e que em nada me dificultem no desempenho de minha missão.

ORGON - De todo o coração, daria imediatamente os cem mais belos luíses de tudo o que me resta para poder amarrotar-lhe o focinho.

CLÉANTE - Deixe, não vamos estragar tudo.

DAMIS - Não posso admitir esse desaforo e começo a sentir minha mão a formigar.

DORINE - Com umas costas tão largas, senhor Loyal, algumas porretadas não lhe ficariam mal.

SENHOR LOYAL - Poder-se-ia punir muito bem essas palavras infames, minha cara; as mulheres podem ser autuadas também.

CLÉANTE - Vamos acabar com isso, senhor. Basta! Dê-nos esse papel e, por favor, retire-se.

SENHOR LOYAL - Até à vista. Que o Céu lhes alegre o coração!

ORGON - Que ele possa confundir-te, a ti e a mim e a quem te manda!

Cena V

ORGON - Agora sim, minha mãe, a senhora pode ver se tenho ou não razão; podeis julgar tudo Poe essa notificação: pode tomar conhecimento de todas as suas traições.

SENHORA PERNELLE - Não encontro palavras e caio das nuvens!

DORINE - Não tem razão de se queixar, nem tampouco de o acusarem, pois com isso são confirmados todos os seus piedosos desígnios: a virtude dele manifesta-se no amor ao próximo. Ele sabe perfeitamente que a fortuna corrompe os homens e, por pura caridade, quer tirar-lhes tudo quando possa representar qualquer obstáculo à salvação eterna.

ORGON - Cale-se. É a única coisa que é preciso dizer-lhe.

CLÉANTE - Vamos ver o que deves fazer.

ELMIRE - Vamos denunciar a audácia desse ingrato. Esse procedimento destrói a virtude do contrato; e sua deslealdade se revelará tão negra que nunca conseguirá o que pretende

Cena VI

VALÈRE - Lastimo muito, senhor, ter de incomodá-lo, mas tenho de fazê-lo devido ao perigo iminente que corre. Um amigo, pelo qual tenho grande amizade, e que sabe como me interessa pelo senhor, a meu favor, dando um passo arriscado, violou o segredo que se deve aos negócios de Estado e acaba de enviar-me um aviso que o obriga a fugir imediatamente. Faz uma hora, o velhaco que foi capaz de enganá-lo durante tanto tempo, acusou-o perante o príncipe, entregando-lhe o importante cofre de um criminoso de Estado, cujo segredo culposo o senhor guardou, desprezando o dever de súbito. Não conheço os detalhes do crime que lhe atribuem; mas já expediram ordem de prisão contra sua pessoa e ele mesmo, para melhor executá-la, encarregou-se de acompanhar aquele que o deve prender.

CLÉANTE - Os direitos dele estão armados. É por esse meio que o traidor procura tornar-se senhor dos seus bens.

ORGON - Confesso-lhe que o homem é um rematado patife!

VALÈRE - A menor demora pode ser-lhe fatal. Para conduzi-lo tenho o meu carro à porta, juntamente com mil luíses que aqui lhe trago. Não percamos mais tempo: o golpe é irremediável; só fugindo podemos evitá-lo. Ofereço-me para levá-lo a lugar seguro, e acompanha-o na fuga até o fim.

ORGON - Ai de mim! O que não fico devendo a tais cuidados! Espero ter ocasião de agradecer-lhe suficientemente e peço ao Céu que me seja bastante favorável para um dia poder reconhecer-lhe precioso serviço. Adeus para todos! Tomem cuidado...

CLÉANTE - Vá depressa. Faremos o que for preciso, meu irmão.

Última Cena

TARTUFO - Devagar, meu senhor, devagar; não corra tanto. Não terá de ir longe para encontrar abrigo e dou-lhe ordem de prisão da parte do príncipe.

ORGON - Traidor, guardava este golpe para o fim. Celerado, é com esse golpe que você se desembaraça de mim, coroando afinal todas as suas perfídias.

TARTUFO - As suas injúrias não poderão irritar-me, e o Céu me ensinou a tudo suportar.

CLÉANTE - Ainda é grande a moderação, palavra!

DAMIS - Com o infame zomba impudentemente do Céu!

TARTUFO - Todos esses arrebatamentos não poderiam comover-me; só penso em cumprir o meu dever.

MARIANE - O senhor, com o que está fazendo, deve ter pretensão a grandes glórias; sem dúvida, considera honesta essa função.

TARTUFO - Não poderia deixar de ser gloriosa uma função, quando parte do poder que aqui me envia.

ORGON - Mas você não se lembra, ingrato, que foi minha mão caridosa que o tirou de situação miserável?

TARTUFO - Sim, sei muito bem o socorro que dela recebi, mas o interesse do príncipe é meu primeiro dever; a justa violência desse dever sagrado sufoca-me no coração qualquer reconhecimento e a tão poderosos laços sacrificaria amigo, mulher, pais e a mim mesmo com eles.

ELMIRE - Impostor!

DORINE - Como ele sabe, traiçoeiramente, preparar-se um belo manto com tudo o que se venera!

CLÉANTE - Mas, se é tão perfeito, como você declara, esse zelo que o faz agir e com o qual você se orna, qual a razão par que, para manifestar-se, esperou que ele tivesse ocasião de surpreendê-lo a perseguir-lhe a esposa e como é que você só pensa em denunciá-lo quando a honra dele ultrajada obriga-o a pô-lo fora de casa? Não lhe falo, para desviar-lhe a atenção, da doação de toda a sua fortuna que acabava de fazer-lhe; mas, querendo tratá-lo agora como culpado, por que consentiu em receber algo dele?

TARTUFO (*ao oficial*) - Livre-me, senhor, dessa conversa fiada e digno-se cumprir a ordem de prisão.

O OFICIAL - Sim, sem dúvida estou demorando muito a cumpri-la: a sua própria boca convida-me muito a propósito a fazê-lo e, para executá-la, siga-me imediatamente para a prisão que se deve dar-lhe por morada.

TARTUFO - Quem, eu, senhor?

O OFICIAL - Sim, o senhor.

TARTUFO - Por que me prende?

O OFICIAL - Não é ao senhor que teria de dar explicações. Restabeleça-se, senhor, de susto tão forte. Vivemos num reinado de um príncipe inimigo da fraude, que sabe olhar para dentro dos corações, e que não pode deixar-se enganar pela arte dos impostores. A grande alma que possui, provida de fino discernimento, leva-o sempre a ver tudo com justeza; nada consegue nela acesso exagerado e sua razão não se deixa levar a qualquer

excesso, Proporciona às pessoas honestas glória imortal, mas faz brilhar tal zelo, sem cegueira, e o amor pelos que são verdadeiros não lhe fecha o coração a todo o horror que os falsos devem causar. Este não conseguiria surpreendê-lo e tem-se visto como sabe defender-se de ciladas mais sutis. A princípio penetrou, pela lucidez de que é dotado, toda a covardia dos refolhos de seu coração. Tendo ido para acusar o senhor, traiu-se a se mesmo e, por um justo lance de suprema equidade, revelou-se ao príncipe como renomado velhaco, a respeito do qual já tinha informações com outro nome. E é longo o detalhe de todas as suas negras ações com que se poderiam formar volumes de histórias. Em uma palavra, o monarca detestou a ingratidão covarde e a deslealdade demonstrada por ele contra o senhor; juntou aos seus outros horrores mais esta série e somente me submeteu a ser guiado por ele até aqui para ver sua impudência ir até o fim e, por meio dele, fazer o senhor plena justiça. Sim, senhor, ele quer que eu despoje o traidor de todos os papéis que lhe pertencem dos quais se diz dono. Com soberano poder, anula os compromissos do contrato que o tronou dono de todos os bens seus em enfim, perdoa-lhe a ofensa secreta em que ocorreu por causa da fuga de um amigo; e tal é o prêmio que concede ao zelo com que outrora se viu o senhor apoiar-lhe os direitos, para mostrar que o coração dele sabe, quando menos se imagina, recompensar uma boa ação, que nunca o mérito perde nada com ele e que sabe lembrar-se do bem mais do que do mal.

DORINE - Que o Céu seja louvado!

SENHORA PERNELLE - Já agora se respira!

ELMIRE - Sucesso favorável!

MARIANE - Quem poderia tê-lo imaginado?

ORGON (*a Tartufo*) - Então! Traidor, estás em boa...

CLÉANTE - Ah! Meu irmão, detenha-se, não desça a indignidades; deixe este desgraçado entregue ao próprio destino e não se alie ao remorso que o deve estar acabrunhando; deseje-lhe, ao contrário, que neste dia possa o seu coração voltar ao seio da virtude, que corrija a vida detestando o vício, e possa suavizar a justiça do príncipe, enquanto você irá agradecer-lhe de joelhos tão bondoso tratamento.

ORGON - Sim, tem razão. Vamos louvar a seus pés com alegria as bondades que seu coração derrama sobre nós. Depois, desobrigados desse primeiro dever, será preciso voltarmos para outro, coroando em Valère, por doce enlace, a chama de amante generoso e sincero.

Fim

www.desvendandoteatro.com